

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CAROLINE SCHERER

**REVOLUÇÕES COLORIDAS NA SÉRVIA, GEÓRGIA, AZERBAIJÃO E
BIELORRÚSSIA (2000-2006): PROMOÇÃO À DEMOCRACIA OU MUDANÇA DE
REGIME?**

Porto Alegre

2015

CAROLINE SCHERER

**REVOLUÇÕES COLORIDAS NA SÉRVIA, GEÓRGIA, AZERBAIJÃO E
BIELORRÚSSIA (2000-2006): PROMOÇÃO À DEMOCRACIA OU MUDANÇA DE
REGIME?**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharela em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Schmidt Arturi

Porto Alegre

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Scherer, Caroline

Revoluções Coloridas na Sérvia, Geórgia, Azerbaijão e Bielorrússia (2000-2006): promoção à democracia ou mudança de regime? / Caroline Scherer. -- 201569. 69 f.

Orientador: Carlos Schmidt Arturi.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Curso de Relações Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 201569.

1. Revoluções Coloridas. 2. Promoção à Democracia. 3. USAID. 4. Sérvia. 5. Geórgia. I. Schmidt Arturi, Carlos, orient. II. Título.

CAROLINE SCHERER

**REVOLUÇÕES COLORIDAS NA SÉRVIA, GEÓRGIA, AZERBAIJÃO E
BIELORRÚSSIA (2000-2006): PROMOÇÃO À DEMOCRACIA OU MUDANÇA DE
REGIME?**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharela em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 02 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos Schmidt Arturi – Orientador
UFRGS

Profa. Dra. Sônia Maria Ranincheski
UFRGS

Prof. Dr. Luiz Dario Teixeira Ribeiro
UFRGS

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para que este trabalho de conclusão de curso pudesse ser realizado.

Gostaria de agradecer à minha família – André, Lúcia e Francisco, que sempre me incentivaram a estudar e não mediram esforços para apoiar minha iniciativa de concluir o Ensino Superior.

À Faculdade de Ciências Econômicas, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Estado brasileiro, agradeço pela oportunidade de estudar em uma universidade pública, a qual me ofereceu uma graduação de inquestionável qualidade.

À Comissão de Graduação de Relações Internacionais e aos servidores da universidade, em especial à Fabiana Westphalen, agradeço por todo auxílio prestado, que foi indispensável desde o primeiro até o último semestre da graduação.

Aos professores do curso de Relações Internacionais, sou grata por terem ensinado o hábito do estudo e da desconfiância; em especial, agradeço à professora Glaucia Campregher, que me ensinou a procurar “a igualdade na diferença e a diferença na igualdade”; ao professor Marcelo Milan, por sua disponibilidade em auxiliar seus alunos sempre que possível; e ao professor Ronaldo Herrlein Jr., pela incansável dedicação à docência e pela primeira oportunidade de integrar um grupo de pesquisa. Ao professor Marco Cepik, agradeço a leitura crítica deste trabalho, bem como por todo apoio dado durante o último ano. Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu orientador, professor Carlos Schmidt Arturi, pela sua disponibilidade, assim como pelos comentários e revisão.

Aos membros do grupo de pesquisa do “Estado Democrático Desenvolvimentista”, agradeço pelos debates acalorados, pela construção compartilhada de conhecimento e pelo estudo teórico acerca da formação e desenvolvimento do nosso Brasil. Aos companheiros e companheiras do movimento estudantil e de militância partidária, agradeço pela oportunidade de conhecer minha cidade e meu país em seus mais distantes rincões e em suas inúmeras facetas.

Aos meus queridos amigos e companheiros de moradia do Komintern, Carolina, Guilherme, Juliana, Karina, Laisa e Rafael, agradeço pela compreensão, apoio e auxílio direto e indireto para que esse trabalho se realizasse. À Karina Ruíz, Renato Saraiva e João Gabriel Burmann, agradeço pelas revisões e debates, que possibilitaram a escolha deste tema.

Saliento que quaisquer incorreções e insuficiências contidas neste trabalho são de responsabilidade inteiramente minha.

RESUMO

Este trabalho investiga a relação entre os programas de promoção à democracia dos EUA e da União Europeia e as tentativas de Revolução Colorida na Sérvia (2000), Geórgia (2003), Azerbaijão (2005) e Bielorrússia (2006). Debate a inserção dos programas de promoção à democracia dos EUA e da União Europeia nesses países, apresentando elementos sobre seu modo de atuação e a relação deste com o desfecho das crises políticas nos países selecionados. Revolução Colorida é um termo usado para descrever o fenômeno específico de protestos eleitorais que, quando bem sucedidos, culminaram em mudança de regime. Nos anos anteriores e durante as Revoluções Coloridas bem sucedidas, os investimentos dos EUA e dos aliados europeus em mídia, ONGs, auxílio partidário, treinamento de jornalistas e militantes somou milhares de dólares, sob a justificativa de promoção à democracia. Os atores financiados pelo Ocidente desempenharam papel crucial para a mudança de regime na Sérvia e na Geórgia, cuja atuação constitui um modelo passível de difusão (*Road map*). O modelo analisado, se aplicado, mostrou-se bem sucedido em provocar mudança de regime, embora seja aplicado sob a fachada de promoção à democracia.

Palavras-chave: Revoluções Coloridas. Sérvia. Geórgia. Azerbaijão. Bielorrússia. Promoção à Democracia. USAID.

ABSTRACT

This work is a research about the relation between the U.S. and E.U. democracy promotion programs and the Color Revolutions that took place in Serbia (2000), Georgia (2003), Azerbaijan (2005) and Belarus (2006). It debates the democracy promotion programs insertion in these countries, presenting elements about its way of acting and its relation with the outcomes of the political crises in the selected countries. Color Revolution is a term used to describe the specific phenomena of electoral protest that, when successful, outburst regime change. In the preceding years of the successful Color Revolutions, the U.S. and E.U. support on local media, NGOs, party aid, journalists and activists training was accounted in millions of dollars. This investment was justified as democracy promotion. The actors funded by West played a significant role for regime change in Serbia and Georgia, whose way of acting constitutes a model that can be diffused (Road map). The model here analyzed, if applied, have the outcome of regime change, even though its promoters alleged democracy promotion aid.

Key words: Color Revolutions. Serbia. Georgia. Azerbaijan. Belarus. Democracy Promotion. USAID.

LISTA DE FIGURAS E MAPAS

Figura 1	Gastos da USAID na Bielorrússia (2004-2007)	59
Mapa 1	Revoluções Coloridas - Sérvia, Geórgia, Azerbaijão, Bielorrússia	36
Mapa 2	Sérvia (2015)	38
Mapa 3	Geórgia (2015)	45
Mapa 4	Azerbaijão (2015)	53
Mapa 5	Bielorrússia (2015)	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Linha do tempo (OTI Servia e Montenegro)	39
Quadro 2	Perfil de gastos da OTI (1997-2002)	42
Quadro 3	Atores da Revolução Bulldozer e sua filiação internacional	43
Quadro 4	Atores da Revolução Rosa e sua filiação internacional	50
Quadro 5	Aspectos comparados das Revoluções Coloridas	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CeSID	Center for Free Elections and Democracy
CIA	Central Inteligency Agency
CMI	Centro de Mídia Independente
FES	Friedrich- Ebert-Stiftung
FMI	Fundo Monetário Internacional
IRI	International Republican Institute
ISFED	International Society for Fair Elections and Democracy
KAS	Konrad-Adenauer-Stiftung
MUN	Movimento de União Nacional
NDI	National Endowment for Democracy
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCE	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
OSF	Open Society Foundation
OSGF	Open Society Georgia Foundation
OTAN	Organização Tratado do Atlântico Norte
OTI	Office of Transition Initiatives
UE	União Europeia
USAID	United States Agency for International Development

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CAPÍTULO 1 – PROMOÇÃO À DEMOCRACIA E O FATOR EXTERNO	21
2.1	Conceito	21
2.2	Revoluções coloridas e a variável externa	24
2.3	Os programas de promoção à democracia	28
2.4	Relação entre os programas de promoção à democracia e as Revoluções Coloridas – o modelo	31
3	CAPÍTULO 2 – REVOLUÇÕES COLORIDAS NA SÉRVIA, GEÓRGIA, AZERBAIJÃO E BIELORRÚSSIA	36
3.1	A Revolução Bulldozer na Sérvia (2000)	37
3.2	A Revolução Rosa na Geórgia (2003)	45
3.3	A (tentativa de) revolução colorida no Azerbaijão (2005)	52
3.4	A (tentativa de) revolução colorida na Bielorrússia (2006)	66
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
5	REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga os fatores que levaram às denominadas Revoluções Coloridas da Sérvia, Geórgia, Azerbaijão e Bielorrússia, que ocorreram entre os anos de 2000 e 2006. Debaterá o processo de organização e difusão das Revoluções Coloridas, a influência de atores externos na difusão e organização destes programas de promoção à democracia. Tal estudo justifica-se por abordar um tema que, apesar de ter sido amplamente explorado por pesquisadores dos Estados Unidos, Rússia e União Europeia, é pouco investigado e conhecido pela literatura brasileira. O impacto do modelo nos países selecionados, localizados no Leste Europeu, nos Balcãs e no Cáucaso suscita debates que acerca de suas possibilidades de aplicação em qualquer parte do globo nos anos vindouros. Após a experiência na Sérvia e em países geograficamente próximos, o modelo foi replicado para Ásia e Oriente Médio (a “Primavera Árabe”) (SPOERRI, 2015), fazendo com que a compreensão do fenômeno, suas origens e seus desdobramentos seja essencial a qualquer nação do globo, especialmente por a tática ser passível de instrumentalização por forças externas.

É objetivo de nossa pesquisa averiguar o papel da ajuda externa às Revoluções Coloridas. Trabalhamos com as hipóteses de que:

- a) as ditas Revoluções Coloridas ocorreram de acordo com determinado modelo (*Road map*), passível de ser replicado;
- b) o modelo deve-se à formulação de atores externos, seja ONGs, Estados ou fundações;
- c) o fator internacional, ainda que não seja o único elemento explicativo dos eventos, é central para determinação do desfecho de cada crise nos países selecionados.

Escolhemos quatro países, dois onde as ditas Revoluções Coloridas foram bem sucedidas em forçar a retirada de um governante do poder – Sérvia e Geórgia – e duas em que essa tentativa foi fracassada – Azerbaijão e Bielorrússia. O critério da escolha deu-se por serem eventos cronologicamente próximos em países em que houve disputa entre os interesses estratégicos da Rússia e os do bloco Ocidental, formado por EUA e União Europeia. Nosso método de pesquisa consistirá em ampla revisão bibliográfica sobre o tema, além de investigação de fontes primárias disponibilizadas pelo governo dos EUA sobre as operações da USAID nos referidos países. Também serão utilizados dados e mapas disponibilizados pela CIA. Todas as fontes

governamentais utilizadas neste trabalho são oficiais e abertas, sendo descartadas fontes primárias cuja origem não seja diretamente ligada e disponibilizada pelo governo dos EUA.

Revolução Colorida é um termo usado para descrever um fenômeno específico de protestos inspirados em táticas de ação direta, alegadas como não-violentas por seus idealizadores, que culminaram na mudança de regime¹ em Estados considerados como autoritários ou semi-autoritários. Pode-se dizer que as Revoluções Coloridas foram inspiradas em métodos de manifestação e ação direta, tendo sido particularmente influenciadas pelos manuais de protesto não-violento de Gene Sharp (BANDEIRA, 2013; POLESE; Ó BEACHÁIN, 2010). Os protestos envolveram milhares de pessoas, que vestiam símbolos coloridos e tomavam as ruas protestando contra as autoridades vigentes. Seu protesto usualmente serviu para que líderes da oposição negociassem com o governo uma mudança de regime nos países em que foi bem sucedida. Geograficamente, o fenômeno da Revolução Colorida engloba países do Leste Europeu, Balcãs e Cáucaso. As Revoluções Coloridas chamam atenção de diversos pesquisadores tanto por apresentarem relativa padronização (SUSSMAN; KRADER, 2008), quanto por terem ocorrido em moldes semelhantes nos mais diversos locais do globo, suscitando debates acerca das origens e determinantes do fenômeno. Em função das semelhanças observadas e do espaço temporal e geográfico dos fenômenos ter sido próximo, este trabalho se propõe a elaborar um modelo para as Revoluções Coloridas, comparando fatores comuns dos fenômenos ocorridos na Sérvia, Geórgia, Azerbaijão e Bielorrússia. No modelo a ser elaborado, pretende-se destrinchar qual padrão de atuação pode ser depreendido a partir da conduta dos ativistas, da mídia, das ONGs e dos partidos de oposição que foram auxiliados pelos programas de promoção à democracia do Ocidente, em especial dos EUA.

À época em que ocorreram, a mídia internacional e alguns governos, como o de George W. Bush, entenderam as Revoluções Coloridas como grandes manifestações pacíficas que teriam o potencial de promover a democracia e os valores liberais (COMPANJEN, 2010). Apesar de grupos que organizaram os protestos terem advogado ser inspirados no ideário liberal e democrático, com membros do Liberty Institute treinando manifestantes e desempenhando papel central na organização das manifestações (BANDEIRA, 2013; ANABLE, 2006), houve

¹ Neste trabalho, utilizamos o termo “mudança de regime” como tradução literal do inglês “regime change”. De acordo com o dicionário Oxford, o conceito de *regime change* seria “a substituição de uma administração ou governo por outro, especialmente pelo uso da força militar”. Não pretendemos, com o termo, referir-nos a uma mudança na forma de governo (por. ex., da ditadura à democracia).

controvérsias acerca da efetividade das manifestações em promover uma democracia estável na região analisada. Os desdobramentos posteriores na Geórgia demonstram que as Revoluções Coloridas não necessariamente contribuem para estabelecer uma democracia em moldes ocidentais (SPOERRI, 2015), antes servindo para provocar mudanças nas linhas de atuação do governo em relação à política externa. Por outro lado, no entendimento do governo da Rússia e da Bielorrússia, assim como na visão de uma série de pesquisadores, as Revoluções Coloridas são uma tática para justificar intervenções estrangeiras, contribuindo pouco e até prejudicando a manutenção das instituições e da estabilidade nos países onde ocorrem (CORDESMAN, 2014). Na visão de alguns estudiosos, as Revoluções Coloridas não são rupturas democráticas em países anteriormente autoritários, mas parte do próprio ciclo entre autoritarismo e aberturas democráticas nestes países (HALE, 2005). As Revoluções Coloridas seriam, sob esse ponto de vista, parte do sistema semi-autoritário das ex-repúblicas soviéticas, não uma solução democrática para regimes autoritários. Os programas de promoção à democracia ocidentais atuantes na região seriam, assim, pouco efetivos na promoção da democracia (SPOERRI, 2015).

O papel desempenhado por agências americanas, como United States Agency for International Development (USAID), o National Endowment for Democracy (NED) e seus institutos associados, George Soros's Open Society Institute, Freedom House e o International Center on Nonviolent Conflict levanta controvérsias acerca da espontaneidade e da primazia dos fatores internos na organização das Revoluções Coloridas nos países analisados (SUSSMAN; KRADER, 2008). Enquanto que alguns autores, como Sussman e Krader, Bandeira, Spoerri e Anable atentam para o papel central do auxílio dos EUA e de alguns países da União Europeia para que ocorressem as Revoluções Coloridas nas ex-repúblicas soviéticas; outros, como Polese e Ó Beacháin, ainda que considerem fator externo em suas análises, entendem que o determinante para que Revoluções Coloridas ocorressem no espaço pós-soviético são os fatores internos. É objetivo deste trabalho inserir-se no debate acerca das causas e determinantes das Revoluções Coloridas, fazendo uma análise do papel desempenhado pelos programas de promoção à democracia vinculados aos EUA e à União Europeia, fortemente atuantes na região no período anterior às Revoluções Coloridas.

A promoção à democracia não é um fenômeno recente na agenda de política externa estadunidense. Desde o governo de Jimmy Carter (1977-1981), que fez uma campanha presidencial fortemente atrelada à agenda de direitos humanos, os EUA passaram a adotar a

defesa da democracia como um dos pilares de sua atuação internacional. A partir de então, diversos métodos foram adotados pelos EUA para promover a democracia em outros países, tais quais pressões diplomáticas e econômicas, auxílio material a grupos comprometidos com a agenda da democracia, intervenções militares (HUNTINGTON, 1994, p. 98-99). A agenda de promoção à democracia ganha força na Europa como um todo depois que a Comunidade Econômica Europeia adotou o regime democrático como quesito para o ingresso de novos países, o que serviu como incentivo para diversos grupos políticos de países europeus não democráticos (à época, Grécia, Portugal, Espanha) aderirem à democracia. Na terceira onda de democratização (1974-1990) vivenciada na Europa pesou não apenas a atuação internacional dos EUA, mas também a da CEE (principalmente da Alemanha Ocidental) no sentido de prover recursos e apoio logístico a grupos políticos no exterior, comprometidos com a instituição de um regime democrático. Nos anos 1980, promover a democracia passava a ser interesse e compromisso não apenas dos EUA, mas também de seus aliados na Europa. Nas ondas posteriores de democratização no Leste Europeu e na ex-URSS no geral, tal padrão se manteve, sendo os EUA e países da União Europeia os grandes financiadores de programas de promoção à democracia na região.

No caso da Sérvia, tanto os EUA quanto a Alemanha advogaram para si parte do sucesso na derrubada de Milosevic. Na época, o Washington Post noticiou que “consultores financiados pelos EUA desempenharam um papel central nos bastidores em praticamente todas as facetas da movimentação anti-Milosevic”², enquanto que o Der Spiegel apontou que “suporte em massa vindo de Berlin contribuiu para que os grupos e partidos de oposição pudessem desenvolver força para forçar Milosevic a renunciar”³ (SPOERRI, 2015, p. 4, tradução nossa). Após a experiência bem sucedida na Sérvia, o modelo lá aplicado foi replicado para outros países da região, surtindo efeito na mudança de regime na Geórgia, Ucrânia e Quirguistão, mas falhando no propósito na Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia e Rússia. Apesar de que, em alguns países, o modelo de movimento político e auxílio externo aplicado na Sérvia não ter sido bem sucedido, o baixo custo e risco da operação fez valer a pena tentar replicá-lo por outras partes do mundo.

² Do original: “U.S.-funded consultants played a crucial role behind the scenes in virtually every facet of the anti-Milosevic drive”

³ Do original: “massive political and material support from Berlin” for having “contributed to the fact that opposition groups and parties could develop the strength to force Milošević to surrender.”

Na Sérvia, Polese e Ó Beacháin (2011) confirmam que o movimento Otpor, um dos atores responsáveis pela Revolução Buldozer e pela derrubada de Milosevic, receberam financiamento e treinamento custeado por organizações como o National Endowment for Democracy (NED), o United States Agency for International Development (USAID), o International Republican Institute (IRI). Os autores levantam que em março de 2000 o IRI, vinculado ao Partido Republicano dos EUA, sediou uma conferência secreta onde membros do Otpor foram treinados em táticas de protesto não violento idealizadas por Gene Sharp. Além disso, foi notável o auxílio externo em áreas como apoio e financiamento à mídia, partidos de oposição e campanhas de incentivo ao voto. De acordo com Polese, nos oito meses anteriores à derrubada de Milosevic, a Europa Ocidental e os EUA investiram pelo menos US\$ 80 milhões nas forças de oposição.

Após a Revolução Colorida da Sérvia, os membros do Otpor viajaram por anos pela região da ex-URSS a fim de treinar as oposições de outros países nos métodos que em seu país levaram à queda de Milosevic. O movimento Kmara, da Geórgia, foi treinado pelos militantes do Otpor com o apoio financeiro da The Soros Foundation, NED, USAID e IRI – praticamente os mesmos atores que financiaram a Revolução Colorida na Sérvia. O investimento dos EUA no canal Rustavi-2, cuja cobertura foi essencial para levar milhares às ruas na Revolução Colorida da Geórgia, foi pesado durante os anos anteriores à RC, contemplado não só doações financeiras, mas também treinamento aos jornalistas do canal (ANABLE, 2006). Após 2003, quando o presidente Shevardnadze foi derrubado, os investimentos ocidentais em auxílio partidário, treinamento da oposição e construção da mídia – o que, na visão ocidental, seria central para o estabelecimento de uma democracia - foram drasticamente reduzidos.

O investimento ocidental na política doméstica dos países analisados, com destaque para o dos EUA, é justificada pelos próprios EUA e pela União Europeia como apoio à promoção da democracia e dos valores liberais naqueles países. A despeito deste argumento, não se pode deixar de observar que os EUA e a União Europeia tem interesses estratégicos na região onde ocorreram as Revoluções Coloridas (BANDEIRA, 2013). Os países-alvo dos programas de promoção à democracia representam um importante espaço a ser economicamente explorado pelas companhias estadunidenses, motivo pelo qual os EUA dão grande importância a integrá-lo ao bloco ocidental. A democratização da antiga área de influência da União Soviética é tida como um dos pilares para sua ocidentalização, sendo entendida como um fator importante para promover as condições para a liberalização econômica e o investimento externo (BANDEIRA,

2005). Além disso, o território ocupado por Sérvia, Geórgia, Azerbaijão e Bielorrússia são importantes do ponto de vista estratégico, já que fazem um arco no entorno da Rússia, e encontram-se em regiões produtoras ou de trânsito de gás e petróleo. A Geórgia, particularmente, consiste em território central para os objetivos estratégicos dos Estados Unidos e da Rússia, já que se situa entre o Mar Negro e Mar Cáspio, sendo importante para prover petróleo e gás para a Europa sem depender do fornecimento russo. É também rota importante para exercer influência sobre a região do Oriente Médio, tendo o governo permitido, após a Revolução Rosa, que os EUA transitassem tropas rumo à Guerra do Iraque por seu território (BANDEIRA, 2013).

A estratégia de Revolução Colorida como forma de provocar mudança de regime também é questionada por sua efetividade para os fins propostos, dado que, mesmo que consigam em um primeiro momento derrubar regimes semiautoritários, mostram-se limitadas diante da tarefa de construir uma democracia sólida (SPOERRI, 2015; HALE, 2005). Contribui para estas dificuldades nos países analisados o fato de que, em muitos casos, a ajuda externa a ONGs e mídia diminui após a mudança de regime, fazendo com que suas atividades anteriores já não possam ser continuadas. O risco de apoiar uma mudança de regime, sem modificar outras instâncias do Estado em regimes autoritários, é de que eles serão limitados no quesito democracia, possivelmente descambando para o regime semiautoritário que anteriormente estava posto.

Em relação ao modelo que seguem as Revoluções Coloridas, diversos são os fatores a serem considerados em nossa análise. Para que ocorressem as Revoluções Coloridas, alguns elementos foram cruciais, tais como: denúncia de fraude eleitoral em eleição polarizada; organização da oposição ao regime; organização e posicionamento da mídia; treinamento a manifestantes em técnicas de protesto e ação direta; atuação do aparelho coercitivo do Estado; apoio externo ao regime; apoio ocidental aos atores de oposição. A interação entre esses fatores comuns, a despeito das particularidades da Revolução Colorida de cada país, foi central para o desfecho de crise sociopolítica nos diferentes países analisados.

O primeiro fator, denúncia de fraude em eleição polarizada, contou com mecanismos como pesquisas eleitorais realizadas por ONGs, treinamento de monitores eleitorais, campanhas de incentivo ao voto e divulgação midiática para ser plenamente realizado. As pesquisas e campanhas pré-voto mostram-se importantes por criar expectativas de resultados eleitorais junto à população. Não à toa, as Revoluções Coloridas também são chamadas de Revoluções

Eleitorais, visto que os protestos se sucederam após resultados eleitorais aparentemente fraudados pelo governo na Sérvia, Geórgia, Azerbaijão e Bielorrússia. As pesquisas eleitorais das ONGs prevendo determinados resultados, quando contraditas pelos resultados apresentados pelo governo, tem um grande poder de mobilização, pois evidencia fraudes e corrupção por parte do governo (SUSSMAN; KRADER, 2008). O mesmo pode ser dito sobre os demais pontos elencados para a realização bem sucedida da denúncia.

O segundo fator, organização da oposição ao regime, foi central na medida em que propiciou a unificação da oposição em torno de um único candidato, fazendo com que, ao convocar-se novas eleições, o capital político acumulado por todos movimentos que fizeram oposição ao regime fluísse para um só candidato. Quando esforços na unificação da oposição em uma única candidatura não são feitos, as chances de mudança de regime diminuem em virtude da fragmentação da oposição (SUSSMAN; KRADER, 2008; HUNTINGTON, 1994).

O terceiro fator, organização e posicionamento da mídia, é de suma importância para o processo de Revolução Colorida em função de a mídia, em especial a televisão, ter o poder de mobilizar a população por todo um país e de criar o sentimento de comoção nacional (ALTERMAN, 2011). Na Geórgia, o canal de televisão Rustavi-2, mantido com ajuda técnica e financeira dos programas de promoção à democracia dos EUA e da Soros Foundation, foi crucial para divulgar os resultados eleitorais providos pelas ONGs, divergentes dos anunciados pelo governo, o que levou à população às ruas em função da fraude eleitoral (ANABLE, 2006).

O quarto fator, treinamento de militantes em técnicas de protesto e ação direta, mostra-se importante em função de terem sido os manifestantes treinados as figuras de liderança dos protestos, que participaram de sua organização e que, posteriormente, passaram a treinar manifestantes de outros países em suas táticas de protesto. As grandes manifestações que esses jovens ajudaram a convocar, em conjunto com a mídia oposicionista e as ONGs, foi central para que o governo se desgastasse e para que houvesse espaço político para a negociação da saída dos antigos governantes. Sem os protestos de rua, o espaço para que os líderes partidários de oposição crescessem possivelmente não existiria (ANABLE, 2006; BANDEIRA, 2013; SUSSMAN; KRADER, 2008).

O quinto fator, atuação do aparelho coercitivo do Estado, será observado em nossa análise em função de ter sido crucial para que as Revoluções Coloridas fossem bem sucedidas em convocar multidões. Em países com forças de segurança bem pagas, bem equipadas e coesas,

essas forças mantiveram-se junto ao regime, o que lhe garantiu a possibilidade de prevenir e reprimir manifestações eleitorais. Em casos de países cujas forças armadas dividiram-se ou recusaram a obedecer ordens de seus superiores, as possibilidades de repressão e prevenção de protestos diminuíram, o que aumentou as chances de sucesso das Revoluções Coloridas.

O sexto fator, apoio externo ao regime, foi importante para enfraquecer ou fortalecer governos ditos autoritários na arena doméstica e internacional. As pressões diplomáticas e econômicas a chefes de Estado indesejados, como foi o caso de Milosevic na Sérvia, Shevardnadze na Geórgia e Lukashenko na Bielorrússia contribuíram para que o governo se visse coagido a renunciar, abrindo espaço para que a oposição apoiada pelo Ocidente assumisse o governo.

O sétimo fator, apoio ocidental aos movimentos de oposição, sejam eles partidos, ONGs ou mídia, faz-se relevante em função de que os regimes autoritários selecionados não apresentarem condições endógenas para que movimentos de oposição fossem particularmente fortes e conseguissem capitanear o processo de Revolução Colorida sem ajuda externa. Por isso, o apoio internacional, seja no treinamento ou financiamento dos grupos políticos de oposição, fez-se central. Ainda que alguns grupos de oposição tivessem recursos financeiros para financiar as próprias posições políticas, o apoio externo dado a ONGs e partidos naqueles países não é desprezível, contabilizando somas surpreendentes de dólares gasto em propaganda por habitante.

Os organizadores e idealizadores das Revoluções Coloridas utilizaram-se de técnicas e propaganda de marketing para mobilizar a população em torno dos protestos eleitorais. Conforme apontado por Sussman e Krader, as Revoluções Coloridas foram construídas utilizando-se de técnicas de marketing político, visando aumentar seu alcance e criar símbolos que mobilizassem a população. De acordo com esses autores, as técnicas de marketing empregadas não diferem das utilizadas por grandes empresas para agregar valor à marca e promover seu produto. As afirmações de ambos os autores estão de acordo com o previsto por estudiosos das técnicas de guerra psicológica, como John Boyd e Szafranski (COSTA, 2014). O objetivo do modelo posto em prática era de retirar legitimidade do governo dito fraudulento, a fim de que não houvesse a possibilidade de que ele continuasse governando.

Dado a necessidade de averiguar os programas de promoção à democracia ocidentais, principalmente dos EUA, para verificar seus objetivos e modos de atuação, nosso primeiro capítulo será destinado à abordagem do tema. Denominado “Promoção à Democracia e o Fator

Externo”, tratará sobre o conceito de Revolução Colorida e a relação do fenômeno com os fatores externos. Abordará, também, os programas de promoção à democracia, apresentando um breve histórico e modo de atuação desses programas, além de levantar qual a ligação que as Revoluções Coloridas e seu modelo teriam com os programas. No segundo capítulo, prosseguiremos com a análise da aplicação ou não aplicação do modelo de Revolução Colorida na Sérvia, Geórgia, Azerbaijão e Bielorrússia, avaliando de que forma os seis fatores anteriormente elencados se combinaram em cada país diante dos protestos eleitorais. Em nosso último ponto, apresentaremos as conclusões a que chegamos a partir da investigação proposta neste trabalho, as quais devem, de acordo com a pesquisa feita, confirmar ou refutar, de forma qualificada, as hipóteses apresentadas.

2 **CAPÍTULO 1 – PROMOÇÃO À DEMOCRACIA E O FATOR EXTERNO**

Este capítulo organiza-se em quatro seções. A primeira faz um debate acerca do conceito de Revolução Colorida, analisando se de fato constituem legítimas revoluções. A segunda e a terceira seção buscam apresentar as relações entre as Revoluções Coloridas e os fatores internacionais, fazendo um apanhado sobre as origens, evolução e eixos de atuação dos programas de promoção à democracia ocidentais. A quarta seção discute o modelo que norteou a ação desses programas nos países selecionados.

2.1 Conceito

Entende-se por Revolução Colorida os protestos eleitorais ocorridos após os anos 2000 na região do Leste Europeu, Balcãs e Cáucaso. As demonstrações de massa envolveram milhares de pessoas, que vestiam símbolos coloridos e tomaram as ruas em protesto contra as autoridades vigentes em virtude de suposta fraude eleitoral. Quando bem sucedidas, as manifestações permitiram que a oposição negociasse uma mudança de regime com as autoridades vigentes, legitimando sua atuação (POLESE; Ó BEACHÁIN, 2010). O termo “revolução colorida” foi cunhado principalmente pela mídia internacional e por pesquisadores ligados às agências de promoção à democracia do Ocidente. Alega-se que as Revoluções Coloridas seriam inspiradas nas táticas de protesto não-violento idealizadas por Gene Sharp, que previa que a queda de um governo autoritário dar-se-ia tão logo a população retirasse seu apoio. Partindo do raciocínio deste autor, a queda de um regime autoritário não precisaria valer-se de um confronto violento para ocorrer, bastando que a população organizasse um boicote pacífico ao regime para que este se encontrasse sem legitimidade e não tivesse alternativa que não renunciar.

Em virtude de os protestos que culminaram na derrubada de governantes de regimes autoritários alegarem-se não violentos e de as mudanças ocorridas após a queda dos governos não terem sido substanciais, questiona-se a validade da aplicação do conceito “revolução” às ditas Revoluções Coloridas. Tanto é assim que há autores que se referem ao mesmo objeto de pesquisa que investigamos neste trabalho como “Revoluções Eleitorais” ou “Protestos Eleitorais”, tamanha

a importância do componente eleitoral e da ausência de mudanças institucionais, políticas e sócio-econômicas após os protestos.

O termo “revolução”, se empregado de acordo com o previsto por Bobbio e Pasquino no Dicionário de Política, consistiria na “tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de as substituir, a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera sócio-econômica”. De acordo com Huntington (1975), “uma revolução é uma mudança interna rápida, fundamental e violenta nos valores e mitos de uma sociedade, bem como das suas instituições políticas, estrutura social, liderança e atividades e políticas governamentais.” (HUNTINGTON, 1975, p. 274⁴ apud CEPIK, 1999). Se tomarmos o conceito de revolução apresentado por Bobbio ou Huntington (1975), pode-se questionar a ideia de que as ditas Revoluções Coloridas de fato sejam revoluções, já que não primaram, de acordo com o conceito apresentado por Polese e Ó Beacháin (2010), pelo uso de meios violentos para provocar a mudança de regime, tampouco evocam novos princípios sobre os quais a nova ordem deveria ser constituída. Protestos não violentos seguidos de ascensão da oposição ao poder sem a evocação de novos princípios políticos que refundassem o Estado, como foi o caso das Revoluções Coloridas, não poderiam ser caracterizados corretamente como revoluções, antes constituindo manifestações que requisitavam a mudança de regime - ou, conforme conceituado por Kalandadze e Orenstein (2005), protestos eleitorais.

Também há espaço para questionamentos acerca da configuração das Revoluções Coloridas se levarmos em conta o conceito de golpe de Estado. Ainda de acordo com Bobbio, “a Revolução se distingue do golpe de Estado, porque este se configura apenas como uma tentativa de substituição das autoridades políticas existentes dentro do quadro institucional, sem nada ou quase nada mudar dos mecanismos políticos e socioeconômicos”. Apesar de Bobbio prever que golpes de Estado ocorrem entre as próprias elites, sem o envolvimento da população ou de revolucionários na mudança de regime, é fato que nos países onde ocorreram as ditas Revoluções Coloridas não houve mudança institucional, tampouco mudanças nos mecanismos políticos e socioeconômicos. A mudança de regime foi negociada em grande parte por figuras políticas pertencentes a elites não governantes, que passaram a constituir governo após a derrubada do

⁴HUNTINGTON, Samuel P.. A ordem política nas sociedades em mudança. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria; Ed. da USP, 1975.

antigo presidente. Os governos posteriormente instalados nos países funcionaram de acordo com os mesmos princípios que o anterior, não apresentando grandes mudanças institucionais que permitissem a consolidação de um regime distinto.

Poder-se-ia levantar a hipótese de que as Revoluções Coloridas teriam sido legítimas revoluções que fracassaram em seu propósito, após a tomada do poder. Essa hipótese é refutada ao analisarem-se as motivações e as diferentes reivindicações dos grupos que constituíram as manifestações. Fica evidente que, a despeito de ter havido a presença de grupos inspirados pelo ideário liberal, as demonstrações foram compostas por grupos heterogêneos, com visões de mundo e objetivos políticos divergentes, tendo como convergência a mera contestação de um resultado eleitoral fraudulento. Os movimentos apenas proporcionaram espaço para a tomada de poder por parte de frações da elite excluídas do governo, que não eram por si revolucionárias.

Dado que as Revoluções Coloridas analisadas neste trabalho não tinham como objetivo a subversão total da ordem, tampouco motivações ideológicas claras, constituindo-se em protestos eleitorais que culminaram na mudança de governo, entendemos que uma categorização mais restrita que levasse em conta a literatura sobre o tema não poderia classificá-las como legítimas revoluções. Dito isso, e considerando que a literatura sobre o fenômeno específico que examinamos emprega amplamente o termo “revolução colorida”, continuaremos empregando a referida conceituação para referirmo-nos aos protestos eleitorais que culminaram na mudança de regime na Sérvia, Geórgia, assim como as tentativas vistas na Bielorrússia e no Azerbaijão.

Durante e logo após o fenômeno, houve grande excitação por parte da mídia e dos estudiosos dos programas de promoção à democracia sobre o potencial democrático dos protestos, havendo quem alegasse com entusiasmo que a Revolução Colorida da Geórgia fora um marco para a democracia no mundo (MITCHELL, 2004) e quem comparasse as Revoluções Coloridas à onda de protestos ocorridos na ex-URSS entre 1988 e 1992 (BUNCE; WOLCHIK, 2006), os quais deram origem a novos regimes políticos nos países da região, que reconfiguraram a região onde ocorreram. Tal expectativa foi especialmente fortalecida após o sucesso da revolução colorida da Sérvia (2000) em tirar o então presidente Milosevic do poder. Após a queda de Milosevic, os protestos eleitorais espalharam-se por países próximos e também por países distantes da própria Sérvia, o que levanta questões acerca do processo de difusão desses protestos. Neste quesito, é notável a participação de ONGs e observadores internacionais, atores

que estiveram presentes não só na Revolução Colorida bem sucedida da Sérvia, mas também na da Geórgia, Ucrânia e Bielorrússia.

Sidney Tarrow (2005) aponta que os protestos, desde fins do século XX, estariam em um processo de transnacionalização, sendo as redes de contato e de apoio dos movimentos cada vez menos limitadas às fronteiras nacionais. Em função da evolução dos meios de comunicação, a difusão de métodos de protesto semelhantes seria facilitada, o que explicaria a similitude entre métodos de contestação semelhantes utilizados em diversos locais do globo. Jovens de outras nacionalidades que participam de protestos em países distantes do seu seriam o que Tarrow chama de “rootedcosmopolitans”, que teriam tal participação graças ao desenvolvimento tecnológico, integração econômica e conexões culturais.

Sussmann e Krader (2008), por outro lado, consideram que as Revoluções Coloridas foram fruto de muito planejamento e energia por parte dos países ocidentais, principalmente dos EUA. Diferente de Tarrow, os autores consideram que Revoluções Coloridas não são fenômenos espontâneos, e que a similitude entre os protestos e sua difusão podem ser atribuídos aos programas de promoção à democracia e a ONGs vinculadas ao Ocidente. O fato de os militantes jovens terem recebido o mesmo treinamento e de fazerem parte de uma mesma estratégia ocidental de mudança de regime seria o fator explicativo para o transbordamento do fenômeno e para a semelhança entre os protestos eleitorais. Sussmann e Krader afirmam, também, que houve uma estratégia traçada pelos Estados Unidos e aplicada por seus programas de promoção à democracia, que abarcou os aspectos político, financeiro, de treinamento e de propaganda, a qual foi aplicada a fim de deliberadamente promover Revoluções Coloridas nos países onde elas ocorreram.

Diante das explicações sobre os motivos da ocorrência e da difusão das Revoluções Coloridas e da presença de uma série de atores externos durante a sua ocorrência, é válido questionar: o que causa as Revoluções Coloridas? Seriam elas provocadas por atores externos? Seriam uma onda de protestos fruto da dinâmica da política doméstica de cada país? Estão são indagações que a próxima seção procura discutir.

2.2 Revoluções Coloridas e a variável externa

Além de configurarem protestos eleitorais de massa que utilizaram símbolos coloridos e nacionais para caracterizar-se, as Revoluções Coloridas despertam interesse em função da

relativa padronização com que ocorreram. A despeito de terem ocorrido em países com características culturais, políticas, sociais, econômicas e geográficas distintas, o fator eleitoral é comum às experiências analisadas, assim como é, nos casos bem sucedidos, a presença de programas de promoção à democracia vinculados ao Ocidente (mais especificamente, aos Estados Unidos da América e à União Europeia). Apesar de a atuação de tais programas e a ocorrência das próprias Revoluções Coloridas terem sido defendidas por governos dos EUA e da UE como formas legítimas de promoção à democracia, alguns governos que passaram pela tentativa de desestabilização provocada pelos protestos eleitorais, como é o caso de Rússia e Bielorrússia, alegam que tais protestos são orquestrados desde fora e constituem intervenção, violando a soberania dos países em que ocorrem (CORDESMAN, 2014).

Conforme Samuel P. Huntington em seu livro “A Terceira Onda”, desde a década de 1970 os EUA incluem em sua agenda de política externa a democratização, sendo que é comum utilizarem-se de declarações presidenciais, sanções econômicas, atuação diplomática, suporte material às ditas forças democráticas e intervenções militares para promover essa forma de governo para além de seu território. Programas como o National Endowment for Democracy, fundado na gestão Reagan em 1982, ou a USAID, passaram a canalizar cada vez mais recursos a iniciativas de promoção à democracia e dos direitos humanos no exterior, ainda sob o enfoque de combate ao comunismo.

A partir dos anos 1990, conforme apontado por Thomas Carothers (2000), os programas de promoção à democracia tiveram uma ascensão vertiginosa, em muito motivados pela queda da ex-URSS e pela perspectiva de expansão de regimes liberais após a queda do comunismo. Desde então, esse tipo de iniciativa tem-se fortalecido não apenas na política externa dos EUA, mas também na de outros países do bloco Ocidental, como Alemanha, Polônia, França, Finlândia, entre muitos outros. A agenda de promoção à democracia e a ideia de que ela pode ser estabelecida a partir da atuação externa, portanto, não é novidade. Isto posto, é válido mencionar que houve governos dos EUA que puseram maior ênfase na agenda de promoção à democracia em regiões-chave para o país, como foi o caso dos governos Ronald Reagan (1981-1989), George H. W. Bush (1989-1993) e, após os anos 2000, George W. Bush (2001-2009). A ação militar direta (Afeganistão, Iraque) e as operações encobertas em prol da mudança de regime foram um traço distintivo da política externa dos Estados Unidos durante este último governo.

Moniz Bandeira, em livro publicado em 2013, alega que os programas de promoção à democracia ocidentais visam à destituição de regimes indesejados a fim de substituí-los por regimes aliados do Ocidente. Conforme Bandeira (2013), houve uma estratégia implementada pelos EUA para incorporar novos países à OTAN e à União Europeia, valendo-se de outros meios além da assistência militar para chegar a seu objetivo:

[...] a fim de conquistá-los, os Estados Unidos não se valeram apenas da assistência militar. Implementaram a política de “*export of democracy*”, por meio da NED, da CIA e de entidades civis, entre as quais Freedom House, a USAID, o Open Society Institute (renomado Open Society Foundation [OSF] em 2011), este criado pelo megainvestidor George Soros, e outras organizações não governamentais, como *fachada* para promover a política de *regime change* sem golpe de Estado. O método era similar ao da Operation Ajax, usado pela CIA e pelo MI6, com demonstrações civis financiadas em Teerã, para derrubar o governo de Mohammed Mosaddeq (1953), que havia nacionalizado as companhias de petróleo inglesas, e entregar o poder ao Shah Reza Pahlavi.[...] (BANDEIRA, 2013, p. 92).

A hipótese de que as Revoluções Coloridas seriam provocadas por agentes externos tendo por fim objetivos econômicos e estratégicos dos EUA e de países da União Europeia é amplamente explorada por Bandeira na referida obra, na qual o autor vale-se da análise do posicionamento diplomático, dos interesses econômicos e do financiamento e treinamento de militantes e ONGs atuantes nas ditas Revoluções Coloridas.

Diferente de Moniz Bandeira, Polese e Ó Beacháin (2010), a despeito de considerarem o fator externo em suas análises, consideram que as movimentações dos atores domésticos foram o crucial para que as Revoluções Coloridas ocorressem, sendo fruto de processos de mobilização e organização que teriam se originado muito antes da ocorrência dos protestos eleitorais. Nas palavras dos autores:

É verdade que atores internacionais podem afetar a balança doméstica de poder em Estados pós-soviéticos e que, desde o fim da Guerra Fria, uma miríade de ONGs e iniciativas cívicas financiadas pelo Ocidente foram lançadas na ex-URSS. [...] Apesar do inevitável foco em batalhas geopolíticas, uma análise abrangente das atividades das Revoluções Coloridas, [...] enfatizam a centralidade das forças domésticas na determinação da forma e ritmo dos eventos. Em cada uma das Revoluções Coloridas, uma rede de ONGs cívicas foi estabelecida, consolidada e incansavelmente utilizada para coordenar e dar suporte a forças sociais mobilizadas para contestar eleições fraudulentas e advogar mudança democrática. Enquanto que as Revoluções Coloridas aparentam ter surgido da noite para o dia, elas frequentemente foram produto de trabalho paciente e árduo executado por muitos anos, muitas vezes sobre os

alicerces de campanhas anteriores.⁵ (POLESE; Ó BEACHÁIN, 2010, p. 241, tradução nossa).

Conforme indica Salert (1976), não há revolução sem revolucionários. As condições domésticas de organização da oposição, liberdade de imprensa e direito à manifestação foram fatores decisivos para que os protestos eleitorais se tornassem demonstrações de massa e resultassem na queda do governo, conforme apontado por Polese (2011). Entretanto, a existência de condições domésticas para que uma revolução colorida ocorra não a exclui do contexto internacional em que ocorre, o qual é determinado por estruturas, características e interesses que estão além da dinâmica política doméstica de cada país (MCFAUL, 2010).

Além das análises com foco nos atores presentes nas Revoluções Coloridas – os quais, de acordo com autores analisados acima, teriam, em maior ou menor grau, ligações com fontes externas – há também análises que se atém aos fatores estruturais que permitiram as ondas de democratização, das quais os protestos eleitorais que analisamos neste trabalho seriam parte. Nesse sentido, Michael McFaul (2010) afirma que as mudanças estruturais no sistema internacional, acentuadas principalmente após a queda da ex-URSS em 1989, permitiram que houvesse uma mudança de regime em uma série de países que passaram por protestos pró-democráticos - as chamadas terceira e quarta onda de democratização. Samuel P. Huntington (1994) também elenca fatores estruturais que contribuíram para a ocorrência daquela onda de democratização, alegando que um dos pontos cruciais para que ela fosse possível fora a disponibilidade da então União Soviética em trabalhar pela democratização de alguns regimes.

De acordo com McFaul, o fim da bipolaridade e a emergência dos EUA como única potência hegemônica no sistema internacional seriam cruciais para explicar a mudança de regime e a incorporação das demonstrações de massa nas transições pós-Guerra Fria. O autor alega que, durante a Guerra Fria, demonstrações de massa eram consideradas potencialmente perigosas

⁵ Do original: “It is true that international actors can affect the domestic balance of power in post-Soviet states, and that since the end of the Cold War a myriad of Western- funded NGOs and civic initiatives have been launched in the former USSR. [...] Despite the inevitable focus on geopolitical battles, a comprehensive review of colour revolution activity, as has been conducted for this book, emphasizes the centrality of domestic social forces in determining the form and pace of events. In each of the colour revolution scenarios a network of civic NGOs was established, consolidated and indefatigably utilized to coordinate and support societal forces mobilized to contest fraudulent elections and advocate democratic change. While the colour revolutions appear to have sprung up overnight, they were often the product of patient, arduous work carried out over many years and sometimes on the foundations of earlier campaigns.”

pelos EUA porque poderiam produzir ruptura e violar os direitos de propriedade, algo inaceitável para o país, motivo pelo qual elas não receberam apoio estadunidense. Por isso, as mudanças de regime da terceira onda apoiadas pelos Estados Unidos foram em grande medida pactuadas, o que difere das transições ocorridas após o fim da bipolaridade. A partir dos anos 1990, a aposta em demonstrações de massa, que muitas vezes envolvem conflito e ruptura, passou a ser apoiada pelos EUA em diversos momentos, já que a ameaça do perigo soviético e da revolução comunista a partir da instrumentalização das massas havia se dissipado. A disponibilidade dos EUA em apoiarem movimentos da sociedade civil, segundo o autor, explica o porquê de as ondas de democratização durante e depois da Guerra Fria serem diferentes entre si no quesito participação popular.

A disponibilidade dos EUA em apoiar protestos de massa nas mudanças de regime coincide com o período em que os programas de promoção à democracia deste país, seguidos pelos da União Europeia, destinam maior parte de seu orçamento às iniciativas voltadas à atuação junto à sociedade civil e à vida política do país, tais como assistência à mídia, treinamento de lideranças políticas, auxílio partidário, financiamento e capacitação para ONGs internacionais promotoras dos direitos humanos, entre outros. A respeito ao modo de atuação dos organismos de promoção à democracia, vinculados aos EUA e à União Europeia, dedicaremos a próxima sessão.

2.3 Os programas de promoção à democracia

Pode-se apontar a origem dos esforços em promover a democracia globalmente no Foreign Assistance Act de 1978, o qual previa que recursos estadunidenses seriam utilizados para promover os direitos humanos fora do país. A mudança de orientação dos EUA em relação à promoção da democracia é subsidiada por novos debates teóricos que surgiam na década de 1970. Até então, havia o entendimento, na academia e nos organismos formuladores de políticas, que a democracia dependia de fatores internos para desenvolver-se em um país (HUNTINGTON, 1993). Após 1970, o debate teórico sobre as possibilidades de intervenção externa para a promoção da democracia modifica-se, havendo reforço à ideia de que a democracia pode ser promovida e guarda relações com fatores externos.

Em 1982, com a administração de Ronald Reagan, o esforço em promover a democracia iniciado na década de 1970 se intensifica, sendo essa uma das agendas prioritárias do governo republicano. A gestão Reagan encontrava-se fortemente engajada na dita “guerra de idéias”

contra a URSS e o comunismo. Promover a democracia, à época, era um modo de promover o sistema mundial construído pelos EUA, que seria liberal, capitalista e oposto ao da URSS, no nível ideológico. É na gestão de Reagan que, conforme mencionado anteriormente, cria-se o NED, e no final da década os EUA já se encontram envolvidos em iniciativas de promoção à democracia na América Latina. Nos anos 1990, os programas de promoção à democracia tem um crescimento acelerado, tanto em virtude da queda do comunismo no Leste Europeu quanto por percepção de que estaria ocorrendo uma abertura na Ásia, na África e no Oriente Médio. O fim da URSS também foi fator decisivo para o aumento do número e dos recursos destinados a esses programas nos anos 1990, sendo grande parte dos recursos destinados à promoção à democracia nos países da ex-URSS.

Desde os anos 1990, diversas são as frentes de atuação destinadas a promover a democracia pelos EUA. De acordo com Carothers (2010), o auxílio estadunidense à democracia se encaixa em três categorias gerais:

- a) Processo político. Inclui auxílio para promover eleições, auxílio técnico para a administração do processo eleitoral, suporte para observadores nacionais e internacionais, e auxílio para promover registro de votação e educação eleitoral. Também inclui auxílio para fortalecer os partidos políticos;
- b) Instituições de governo. Inclui programas para fortalecer as legislaturas, auxílio para reforma judicial, treinamento policial, programas de fortalecimento do governo. Pode incluir esforços para que o país reescreva sua Constituição. As Forças Armadas também podem receber esse tipo de auxílio, que consistiria no esforço de promover atitudes mais democráticas dentro do meio militar, além de melhorar relações entre civis e militares;
- c) Sociedade civil. O auxílio para a sociedade civil tomou quatro formas desde os anos 1990: suporte para ONGs envolvidas na promoção de direitos humanos e no monitoramento eleitoral; auxílio à mídia; auxílio a sindicatos e programas educacionais referentes à democracia e a eleições.

Atualmente, há diversos órgãos empenhados nesta tarefa nos Estados Unidos, entre os quais o National Endowment for Democracy (NED), um dos mais lembrados, e a United States Agency for International Development (USAID), que tem o maior orçamento e é considerada

como o mais importante órgão nos EUA destinado a promover a democracia mundialmente. Há também a United States Information Agency (USIA), incorporada ao Departamento de Estado, que atua difundindo informação acerca do funcionamento da democracia, além do próprio Departamento de Estado, do Departamento de Defesa e do Departamento de Justiça. O NED, especificamente, destina recursos ao International Republican Institute (IRI), ao National Democratic Institute for International Affairs, ao American Center for Labor Solidarity e ao Center for International Private Enterprise — representando respectivamente o Partido Republicano e o Democrata, a AFL-CIO, maior central sindical dos Estados Unidos, e a US Chamber of Commerce. The Asia Foundation e Eurasia Foundation também recebem recursos para o mesmo fim. Essa última, estabelecida em 1993 para dar auxílio aos países da ex-URSS, trabalha com reforma local de governo, administração pública, desenvolvimento de ONGs, rule of Law e desenvolvimento de mídia, todos parte da linha de difusão à democracia. Parte considerável dos fundos gastos pela USAID é repassado a intermediários que realizarão o trabalho no país ao qual o recurso é destinado. Os programas trabalham não só com apoio financeiro, mas principalmente com apoio técnico (programas de treinamento) junto aos destinatários do auxílio.

A União Europeia, a despeito de atualmente dispor de menor orçamento destinado à promoção da democracia além de suas fronteiras em comparação com os EUA, também dispõe de importantes programas nessa área. A Alemanha Ocidental, nos anos 1970, dispunha do Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) e do Konrad-Adenauer-Stiftung (KAS), sendo que ambos contribuíram para as transições de regime ocorridas na Europa naquela década (SPOERRI, 2015:22). Além deles, a Alemanha atualmente também dispõe do Friedrich-Naumann-Stiftung (FNS), Hanns-Seidel-Stiftung (HSS), Heinrich-Böll-Stiftung (HBS) e Rosa-Luxemburg-Stiftung (RLS). Seu funcionamento é semelhante ao dos órgãos de apoio à democracia dos EUA, os quais incluem auxílio partidário e treinamento eleitoral. Além da Alemanha, Suécia, Reino Unido, os Países Baixos e a França também dispõe de tais organismos, sendo eles respectivamente: Olof Palme International Center, Westminster Foundation for Democracy (WFD), Netherlands Institute for Multiparty Democracy (NIMD), Fondation Jean Jaurès e Fundación Pablo Iglesias. Os Estados Unidos, diferente da União Europeia, colocou a promoção à democracia no centro de sua agenda de política externa nos anos 1990, motivo pelo qual seus programas foram mais

atuantes e de maior porte naquele período. Entretanto, no fim dos anos 1990 e nos anos 2000, os programas de ambos já eram de considerável magnitude (YOUNGS, 2001, p. 49).

No final da década de 1990, os destinos do auxílio político provenientes dos EUA e da UE eram fundamentalmente os mesmos, consistindo na América Latina, Leste Europeu, Rússia, Ásia, Oriente Médio e África Subsaariana. O financiamento estadunidense à democracia no exterior, entretanto, tinha um diferencial em relação ao da União Europeia: enquanto o da UE tinha maior ênfase em projetos de desenvolvimento, os EUA destinavam cerca de um quarto de seus fundos a projetos ligados à sociedade civil. Dez por cento do orçamento dos EUA destinados à promoção da democracia eram alocados em financiamento eleitoral, o que gerou diversas críticas a um modo de auxílio que daria excessivo enfoque ao fator eleitoral (SMITH, 2000). No final dos anos 1990, a Ucrânia era o terceiro principal destino do auxílio à democracia dado pelos EUA.

2.4 Relação entre os programas de promoção à democracia e as Revoluções

Coloridas – o modelo

Conforme apontado na seção anterior, existem diversas linhas de atuação dos programas estadunidenses e europeus destinados a promover a democracia no exterior. As referidas agências atuam globalmente e os programas que desenvolvem nos países-destino do auxílio, principalmente quando esse auxílio é proveniente dos EUA, são semelhantes. Os EUA, desde fins dos anos 1990, apresentam preferência pela via eleitoral de promoção à democracia, independente do continente onde atue (YOUNGS 2000), o que em parte justifica a semelhança entre os atores e o modo de atuação dos protestos pró-democracia em diversas partes do mundo.

As experiências bem sucedidas em derrubar regimes autoritários, de acordo com Spoerri (2015), seriam replicadas a outros países de diversas regiões através dos programas de promoção à democracia:

Lições aprendidas da Sérvia seriam breve aplicadas além das fronteiras europeias. Meses depois da queda de Milosevic, jovens sérvios do movimento anti-Milosevic Otpor viajaram para baluartes do autoritarismo na Ásia, África e Oriente Médio, contando com financiamento e treinamento ocidental para exportar um modelo de revolução alegadamente testado e comprovado na Sérvia de Milosevic. Agentes de auxílio sérvios – que participaram do treinamento a programas na Sérvia na preparação para a saída de Milosevic e que tornaram-se empregados do NDI e IRI –continuaram a replicar a assistência no Egito, na Tunísia, no Iraque e em outros países, tornando-se diretores residentes e

funcionários seniores para os institutos partidários americanos no Oriente Médio, Ásia e África. A iniciativa de auxílio forjada na Sérvia, pensava-se, poderia prover um modelo para o auxílio em outros países autoritários e pós-autoritários.⁶ (SPOERRI, 2015, p. 5, tradução nossa)

Thomas Carothers (2000) também admite haver um modelo de promoção à democracia posto em prática pelos EUA, o qual consistiria de duas fases. A primeira fase seria a de transição, em que haveria desgaste do regime e pressões internas e externas por sua queda:

Na fase de transição, um governo não democrático experimenta a perda de legitimidade e poder em função da acumulação de suas deficiências, do aumento do desejo público por democracia e de pressões externas - ou pela combinação dos três. O governo permite abertura política ou é totalmente retirado do poder. Eleições nacionais abertas são realizadas e um governo democrático chega ao poder.⁷ (CAROTHERS, 2000, p. 192, tradução nossa)

Após o desgaste, haveria a queda do regime, o que seria seguido por novas eleições e um novo governo instalado. É com a instalação de um novo governo que seria posta em prática a segunda fase da democratização: a consolidação. Ainda de acordo com Carothers (2000), essa fase consistiria na reforma das instituições governamentais a fim de torná-las representativas e efetivas, além de prever um fortalecimento da sociedade civil. O auxílio prestado pelos EUA estaria presente nas duas fases, consistindo em diferentes aplicações de acordo com o momento em que o país se encontrasse.

Carothers (2000) também aponta que o auxílio prestado pelos EUA aos países destinatários é fortemente vinculado a treinamento. O auxílio eleitoral, legislativo, de mídia ou

⁶ Do original: “Lessons learned from Serbia would soon be applied beyond Europe’s borders. Within months of Milošević’s fall, young Serbs from the anti-Milošević youth movement Otpor traveled to authoritarian strongholds in Asia, Africa, and the Middle East, relying on Western funding and training to export a model of revolution allegedly tried and tested in Milošević’s Serbia. Serbian aid practitioners—who had taken part in training-of-trainers programs in Serbia in the run-up to Milošević’s ouster and become employees of NDI and IRI—went on to replicate that assistance in Egypt, Tunisia, Iraq, and elsewhere, becoming resident directors and senior program officers for the American party institutes’ offices throughout the Middle East, Asia, and Africa. The aid enterprise forged in Serbia, it was thought, could provide a model for the delivery of aid in other authoritarian and post-authoritarian countries.”

⁷ Do original: “In the transition phase, a nondemocratic government experiences a loss of legitimacy and power due either to the accumulation of its own shortcomings, rising public desire for democracy, external pressures or a combination of the three. The government either permits a political opening or is driven completely out of power. Open national elections are held and a democratic government arrives to power.”

destinado a ONGs consistiria primordialmente em treinamento em detrimento de financiamento propriamente dito. Em relação à mídia, o foco seria em treinar os gestores dos canais de comunicação a fim de torná-la um negócio rentável. Apesar do reivindicado foco em treinamento, as quantias destinadas à construção de canais de mídia podem ser volumosas. A esse respeito, David Anable (2006) aponta que:

Nos dez anos anteriores à revolução georgiana, o governo dos EUA gastou mais de US\$ 154 milhões em projetos de assistência à democracia na Geórgia, a maioria deles sob o Freedom Support Act de 1992. No Leste Europeu e na ex-URSS como um todo, US\$ 350 milhões foram gastos desde 1991 especificamente para o desenvolvimento de mídia independente.⁸ (ANABLE, 2006, p. 27, tradução nossa)

Sussmann e Krader (2006) entendem que existe um modelo de revolução colorida posto em prática pelos EUA a fim não necessariamente provocar mudanças democráticas nos países, mas de mudar o regime. De acordo com os autores, o auxílio dos EUA à oposição nos países onde tentou-se provocar uma revolução colorida consistem nos fatores político, financeiro, treinamento técnico e marketing (propaganda). Os quatro fatores teriam sido combinados em uma estratégia que teria como finalidade realizar uma mudança de regime em países estratégicos para os EUA para o Ocidente.

Moniz Bandeira (2013) afirma que a política de mudança de regime, que teria sido implementada em países como Sérvia, Geórgia, Ucrânia e Bielorrússia, consistiria em “fomentar o *Political defiance*”, que consistiria numa tática para derrubar o governo e conquistar o controle das instituições mediante o planejamento de operações e de mobilização popular contra as fontes de poder dos países-alvo. A tentativa consistiria num meio de solapar a estabilidade e a força econômica, política e militar de um Estado sem recorrer ao uso da força por meio da insurreição, dentro dos limites da legalidade (BANDEIRA, 2013).

A USAID, em relatórios publicados em 2001 e 2002, aponta quais foram os focos de investimento e qual o modo de atuação nas diferentes frentes a fim de provocar mudança de regime na Sérvia e na Geórgia. O modelo aplicado pela USAID levou em conta os seguintes fatores: organizações da sociedade civil (ONGs); mídia; partidos políticos e eleições.

⁸Do original: “In the ten years leading up to the Georgian revolution, the U.S. government spent just over \$154 million on democracy assistance projects in Georgia, most of it under the Freedom Support Act of 1992. In Eastern Europe and the former Soviet Union as a whole, \$350 million has been spent since 1991 specifically to develop independent media.”

O primeiro fator, organizações da sociedade civil, consiste fundamentalmente em ONGs capazes de fazer campanhas que incentivassem o voto e que organizassem protesto contra o governo. O auxílio dado pela USAID a essas organizações consistia tanto em treinamento quanto em financiamento. Quando se aproximava do período em que ocorreriam as eleições e a posterior mudança de regime, o auxílio dirigia-se a organizações já treinadas e capazes de realizar as campanhas requeridas. As ONGs contratadas não necessariamente eram construídas desde fora: um critério relevante era que fossem capazes de atuar de acordo com a política local, implementando as campanhas propostas pela USAID com alguma flexibilidade. Também era relevante que as ONGs escolhidas não se concentrassem apenas em uma parte do país, a fim de que fossem capazes de realizar seu movimento em todo o território.

O segundo fator, mídia, consiste em financiamento e treinamento a jornais, revistas, rádios e canais de televisão ditos independentes (em sua maioria, eram de oposição ao governo). A USAID atuou fornecendo equipamentos, dinheiro e treinamento a uma série de veículos de comunicação que, com o auxílio, puderam crescer dentro de seus países e ter papel relevante na oposição e posterior deposição ao regime. Os investimentos em rádio e TV feitos pela organização propiciaram que as emissoras mais do que dobrassem o público alcançado, fazendo com que canais locais e pouco estruturados de televisão se transformassem em emissoras de alcance nacional.

O terceiro fator, partidos políticos, consistiu no apoio aos partidos de oposição ao governo. O apoio deu-se tanto em termos técnicos quanto em termos políticos – trabalho para organizar uma oposição unificada ao regime – o que foi crucial para que houvesse, dentro do sistema partidário, um discurso coeso e figuras capazes de empenhar-se na mudança de regime. O auxílio partidário também se deu no sentido de fortalecer candidatos locais que fossem contrários ao governo que se visava retirar, contribuindo para a popularidade da oposição nos mais diversos níveis de atuação, seja local ou nacional.

O quarto fator, eleições, consistiu tanto em campanhas que incentivassem a votação quanto em pesquisas feitas anteriormente e durante o pleito, com a finalidade de contrastar os resultados obtidos aos divulgados pelas autoridades. Além disso, a USAID forneceu treinamento aos acompanhadores das eleições, os quais atuariam no monitoramento destas. Esse aspecto constituiu na de organização a população a fim de que ela pressionasse por eleições sem fraude.

Incluiu também monitoramento midiático do processo eleitoral, o qual provou-se central para divulgar resultados discrepantes do esperado.

A USAID reconhece que o sucesso do modelo depende da sua interação com as variáveis internas, sendo ele bem sucedido quando as condições domésticas assim o permitem. Além dos fatores já elencados, podem ser combinados com a estratégia aplicada pela USAID a atuação diplomática e econômica a fim de provocar mudança de regime.

Polese e Ó Beacháin (2010) não trabalham com o modelo fornecido pela USAID em sua análise, fazendo-a com base em fatores que estariam presentes e que seriam aptos de serem analisados nas Revoluções Coloridas, os quais: caráter do Estado na véspera dos protestos; unificação da oposição; influências externas; sociedade civil; o povo. A despeito de não trabalharem com a hipótese de que as Revoluções Coloridas seriam provocadas por atores externos, os autores elencam fatores comuns às experiências de protesto eleitoral que culminaram e que não culminaram na mudança de regime, fatores relevantes de análise para uma investigação do fenômeno.

Levando em conta os aspectos propostos por cada um dos autores citados, além das informações empíricas coletadas acerca das tentativas bem e mal sucedidas de revolução colorida e do modelo fornecido pela USAID, analisaremos a aplicação da tática descrita pelo governo estadunidense na Sérvia, Geórgia e Bielorrússia, assim como os efeitos de uma tentativa de revolução colorida no Azerbaijão. A existência e associação entre os fatores elencados pela USAID e a dinâmica interna de cada um dos países foi determinante para a mudança ou manutenção de regime na Sérvia, Geórgia, Azerbaijão e Bielorrússia. A interação entre a realidade política concreta de cada país e a formulação doutrinária de atores externos, sejam eles Estados, centros de estudo ou ONGs, foi determinante para o desfecho de cada crise, consistindo em um modelo passível de difusão. No próximo capítulo analisaremos o desenvolvimento de cada crise nos países selecionados, assim como o impacto de cada variável para seu desfecho.

Um critério observado para a escolha dos estudos de caso é o fato de que em dois países, Sérvia e Geórgia, os protestos eleitorais foram bem-sucedidos em provocar a queda do governo, ao passo em que no Azerbaijão e na Bielorrússia os protestos de oposição não tiveram força suficiente para pôr fim ao governo eleito. A escolha de países em que os protestos foram bem ou mal sucedidos em provocar mudança de governo faz-se importante por propiciar que testemos a validade de nossas hipóteses, prevenindo que caiamos em correlações espúrias caso analisemos apenas os casos bem-sucedidos. Outro critério da escolha dos quatro países deve-se ao fato de fazerem parte de região de disputa entre a Rússia e o bloco Ocidental, constituído por EUA e União Europeia. Ainda que a Sérvia não seja um país fronteiro junto à Rússia, três dos outros países selecionados o são. À época em que ocorreram, as Revoluções Coloridas provocaram preocupações à Rússia, dado que foram fenômenos tidos como arquitetados pelo Ocidente em sua fronteira. Os novos regimes instalados nos países onde os protestos eleitorais culminaram na queda de governo eram inicialmente pró-Ocidentais, proporcionando a possibilidade de expansão da OTAN para a fronteira russa (MEARSHEIMER, 2014).

3.1 A Revolução Bulldozer na Sérvia (2000)

A revolução colorida da Sérvia, ou Revolução Bulldozer, ocorreu em 2000, que culminou com a queda do então presidente Slobodan Milosevic após denúncias de fraude eleitoral. Milosevic fora presidente da Sérvia desde 1989, tendo o país se desintegrado e sofrido diversas intervenções externas durante o seu governo. A derrubada de Milosevic é tida por parte da bibliografia analisada como uma das primeiras Revoluções Coloridas ocorridas, sendo um caso pioneiro que serviu de exemplo para eventos semelhantes que ocorreram posteriormente. Apesar de a Sérvia ter sido palco de diversos conflitos étnicos após o fim e a desintegração da Jugoslávia, a queda do governo Milosevic e a instalação de outro regime ocorreram em virtude de manifestações encabeçadas por líderes de oposição e pelo movimento Otpor.

Mapa 2 – Sérvia (2015)



Fonte: Library of Texas University at Austin (2015).

A derrubada do regime e a atuação das oposições – partidos, ONGs, movimentos – assim como da mídia e do monitoramento eleitoral está declaradamente vinculada ao fator externo por meio da atuação de instituições como o United States International Development Agency (USAID), o International Republican Institute (IRI), a The George Soros Foundation, o Konrad-Adenauer-Stiftung (KAS), além de outras organizações menores (SPOERRI, 2015). O processo de organização dos diferentes atores e sua posterior atuação configurou um modelo de derrubada de regime, idealizado pelo governo dos Estados Unidos e posto em prática pelo Office of Transition Initiatives (OTI), braço da USAID que trabalha pela mudança de regime em diversos países ao redor do globo.⁹

⁹De acordo com David Costello, então gerente do programa OTI na Sérvia, “Nossa missão na Sérvia e em Montenegro era em grande parte uma extensão da nossa missão já existente na Bósnia Herzegovina, onde procuramos assegurar a paz na região por meio da assistência direta a organizações locais em esforços para avançar rumo a uma mudança democrática e pacífica na Sérvia e Montenegro. A Sérvia, em particular, era vista como um grande impedimento para a paz e estabilidade regional, e nós procuramos aplicar nossos recursos de maneira correta” (USAID, 2002). Original: “Our mission in Serbia and Montenegro was largely an extension of our already existing program in Bosnia and Herzegovina, where we sought to aid in securing peace in the region by directly assisting indigenous organizations in their efforts to advance peaceful democratic change in Serbia and Montenegro (S/M).

Em 1997 começam as atividades do Office of Transition Initiatives, vinculadas às iniciativas de promoção à democracia e estabilização da USAID na Sérvia. De acordo com a USAID, o objetivo do trabalho naquele país era forçar uma mudança de regime, retirando Milosevic da presidência. Os trabalhos são iniciados trabalhando-se nos quatro eixos propostos pelo escritório. O OTI trabalhou em seis fases, das quais quatro consistiram na preparação para a derrubada do presidente Milosevic.

Quadro 1 – Linha do tempo (OTI Servia e Montenegro)

Fases de Operação da OTI	Linha do tempo: 1997 - 2002					
	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Fase I: Julho de 1997 - Março de 1999	Suporte Inicial à Oposição a Milosevic					
Fase II: Março de 1999 - Agosto de 1999			Sustento da OTI Durante a Evacuação da Sérvia			
Fase III: Agosto de 1999 - Junho de 2000				Intensificação do Suporte à Oposição		
Fase IV: Junho de 2000 - Outubro de 2000				Milosevic Cai em Outubro		
Fase V: Novembro de 2000 - Dezembro de 2001					Mudança Para Projetos de Melhoria das Comunidades (CIP)	
Fase VI: Janeiro de 2002 - Novembro de 2002						Transição para Ritmo de Reforma

Fonte: USAID (2002, p. 10). Tradução nossa.

Serbia, in particular, was seen as a major impediment to regional peace and stability and we attempted to target our resources accordingly."

Na primeira fase, que foi de julho de 1997 a março de 1999, o foco do programa foi em dar apoio às forças de oposição a fim de acabar com o regime de Milosevic. Essa fase consistiu em fortalecer a mídia escrita e eletrônica e dar suporte a ONGs que fizessem esforços por uma abertura política e pela participação dos cidadãos no processo político. Também trabalhou com ONGs e mídia para que as forças de oposição a Milosevic conquistassem maioria parlamentar em 1998. A segunda fase, que foi de março a agosto de 1999, consistiu em continuar com as tarefas iniciadas na fase um a despeito do bombardeio da OTAN na Sérvia. O programa teve continuidade na filial da USAID em Montenegro.

A terceira fase, de agosto de 1999 a junho de 2000, consistiu em prover assistência direta às organizações cívicas e à mídia de oposição ao regime de Milosevic. O programa deu suporte à publicação e distribuição de jornais, revistas, panfletos e materiais escritos; produziu programas informativos de rádio e transmissões televisivas e organizou fóruns públicos e demonstrações de massa contra o regime. Também proveu equipamento à mídia e deu suporte legal às ONGs, ajudando os grupos a trabalhar nos níveis local, nacional e regional de modo integrado.

A quarta e última fase analisada neste trabalho foi de junho a outubro de 2000 e consistiu no período de derrubada do regime. As atividades externas, nessa fase, consistiram na intensificação do suporte às forças de oposição ao regime, provendo auxílio direto a municípios, partidos políticos e grupos da sociedade para promover uma mudança de regime que não envolvesse conflito direto entre as partes.

De acordo com o apresentado pela USAID, quatro são as frentes de ação trabalhadas a fim de provocar mudança de regime, as quais: organizações da sociedade civil, mídia, partidos políticos e eleições. Os quatro critérios estiveram presentes nas quatro fases acima descritas, e foram trabalhados conjuntamente a fim de provocar condições que culminassem na queda do então presidente sérvio.

No quesito organizações da sociedade civil, foram procuradas ONGs capazes de realizar tarefas de organização da população e de fornecimento de alguns bens importantes para as comunidades sérvias. A USAID optou por agir principalmente no sul da Sérvia, junto a minorias étnicas (albaneses), trabalhando na construção de escolas, pavimentação de estradas, fornecimento de água potável e demais necessidades básicas que fossem imediatamente reconhecidas pela comunidade local. Essa atuação deu-se com o objetivo de conquistar a simpatia da população para com os programas de ajuda externa. A rede de ONGs contratada pelos EUA ia

desde aquelas que prestavam serviços comunitários até às que exerciam funções mais relacionadas à política local. Tentou-se criar uma rede descentralizada de ONGs que atuasse fora das capitais a fim de que a cobertura internacional se fizesse presente por todo o território sérvio. Diferenças étnicas foram exploradas pelos serviços de ajuda externa a fim de diminuir a credibilidade do governo nacional.

O auxílio à mídia foi dado aos mais diversos grupos e formatos, consistindo em apoio financeiro, material, técnico e moral. De acordo com a USAID:

De 1997 até as eleições de outubro de 2000, o OTI proveu milhares de pequenas, mas efetivas, iniciativas de auxílio material a produtores de TV independentes, operadores de rádio, jornalistas investigativos e grupos de mídia. Além de material crucial como computadores, câmeras, gravadores e equipamento básico de escritório, a OTI também proveu outras assistências, como pagamento de pessoal e renda de curto prazo. Por fim, os receptores beneficiaram-se não apenas do auxílio financeiro e de equipamento, mas também de contatos regulares, troca de ideias e apoio moral, além de traçarem estratégias com os membros do OTI. Exemplos de grupos de mídia que beneficiaram-se das relações com o OTI incluíram a Rádio B9 de Belgrado, a Rádio 021 de Novi Sad, a rede ANEM, a Rádio Boom 93 em Pozaveraz, e o Centro de Mídia Independente em Belgrado.¹⁰ (USAID, 2002, p. 19, tradução nossa)

O apoio aos meios de comunicação dado desde 1997 fez com que em 2000, após a fraude eleitoral, houvesse pronta cobertura dos eventos, o que foi crucial para informar a população acerca da fraude e fomentar a indignação desta em relação ao ocorrido, cumprindo com importante papel de mobilização das massas contra o governo. O investimento em mídia contribuiu para que a campanha pela derrubada de Milosevic, fosse viável. Tal era a importância da mídia e o investimento ocidental na operação que, de acordo com Bandeira (2013),

A União Europeia investiu US\$ 17 milhões e o governo dos Estados Unidos, sobretudo através da USAID, mais de US\$ 23 milhões, em média, entre 1995 e 2002, só na assistência à mídia de oposição. Durante os 18 meses que

¹⁰Do original: “From 1997 through the October 2000 elections, OTI provided hundreds of small but targeted and timely material assistance grants to independent TV producers, radio operators, investigative journalists, and media groups. Beyond key material support such as computers, cameras, recorders, and basic office equipment, OTI also provided other assistance, such as timely, short-term rental payments. Finally, grantees also benefited not only from this financial and equipment assistance, but also from regular contacts, exchange of ideas, moral support, and overall strategizing with OTI staff. Examples of media groups that benefited from an OTI relationship included B92 Radio in Belgrade, Radio 021 in Novi Sad, the ANEM network, Radio Boom 93 in Pozarevac, and the Independent Media Center in Belgrade.” (USAID, 2002:19)

antecederam a derrubada de Slobodan Milosevic, gastaram um total de aproximadamente US\$ 80 milhões. (BANDEIRA, 2013, p. 56)

Apenas entre 1997 e 2000, período em que, conforme o relatório averiguado, a missão da USAID estava voltada a derrubar o governo de Milosevic, US\$ 8.675.565,00 foram gastos pela agência, conforme pode ser observado na figura 2, extraída do relatório da organização:

Quadro 2 – Perfil de gastos da OTI (1997-2002)

	Período Pré-Milosevic: Julho de 1997 - Outubro de 2000 *	Tamanho do Auxílio no Período	Período Pós-Milosevic: Outubro de 2000 - Setembro de 2002 **	Tamanho do Auxílio no Período	Mudança Percentual entre o Período Pré e Pós-Milosevic	Total de Gastos do OTI 1997-2002
Número de Auxílios	631	US\$ 13.749	633	US\$ 22.198,00	0,003%	1264
Gastos Totais	US\$ 8.675.565		US\$ 14.051.608		62%	US\$ 22.727.173

* Fonte: Nada Ilic – membro da equipe de compras da Creative Associates e ex-membro da equipe de compras da RONCO no período 1997 – 2000. Dados do Relatório Completo PTG RONCO Montenegro e Sérvia, 24 de janeiro de 2001.

** Fonte: Paul Randolph, OTI/Escritório de Belgrado, setembro de 2002.

Fonte: USAID, 2002, p. 10. Tradução nossa.

O apoio a partidos políticos deu-se com a finalidade de fortalecer a oposição a Milosevic desde 1998, sendo este mais intenso no ano de 2000, ocasião em que o então presidente é deposto. Auxílio partidário foi dado a fim de fortalecer partidos e figuras locais capazes de se opor ao presidente, tendo sido dado também com a finalidade de formar uma oposição coesa contra o regime, que aglutinasse todas as forças contra Milosevic em um mesmo campo (SPOERRI, 2015).

As eleições, por fim, foram fator crucial para a queda do presidente deposto porque criaram o mote e a ocasião propícios para que Milosevic fosse retirado da presidência. A partir das denúncias de fraude eleitoral, que foram veiculadas fortemente a partir da estrutura anteriormente montada pela USAID, foi possível que houvesse comoção popular e demonstrações de massa que forçaram a queda do presidente, além de pressões internacionais que legitimassem a queda. Além do investimento em mídia e ONGs, a USAID investiu no

treinamento de pessoal que acompanhasse as eleições, além de pesquisas eleitorais realizadas antes e durante o pleito.

O relatório da USAID acerca da operação para destituir Milosevic da presidência da Sérvia corrobora a versão de Moniz Bandeira (2013) sobre o ocorrido. Bandeira aponta que não apenas a USAID, mas o US National Endowment for Democracy, a The George Soros Foundation, o International Republican Institute, o Konrad-Adenauer-Stiftung e outras fundações europeias participaram da operação para derrubar o regime, os quais também teriam investido, a exemplo da USAID, em mídia independente, grupos de oposição ao governo, ONGs, sindicatos, thinkthanks, etc.

Quadro 3 - Atores da Revolução Bulldozer e sua filiação internacional

Ator	Tipo	Papel	Filiação Internacional
Rádio B9, Rádio 021, Rede ANEM, Rádio Boom 93, CMI	Grupo de mídia (rádio)	Divulgar protestos e alegação de fraude eleitoral	USAID; KAS
Oposição Democrática da Sérvia (DOS)	Coalizão partidária	Aglutinar oposição para disputar eleições	USAID, FES, KAS, NDI, IRI, NED,
Otpor	Movimento de juventude	Organizar protestos contra o governo	USAID, IRI, Soros Foundation
CeSID (ONG)	Monitoramento eleitoral	Monitorar eleições; denunciar fraude eleitoral; incentivar eleitores a protestar por alegada fraude	IRI, USAID

Fonte: Spoerri (2015) e USAID. Elaboração própria.

Durante a derrubada de Milosevic, ONGs relacionadas a movimentos de juventude e a estudantes, como a Otpor, tiveram grande cobertura midiática, alegando-se que as demonstrações de massa contra o então presidente eram movimentos da juventude indignada, creditando-se a estes movimentos a queda do regime. Apesar da presença de organizações de juventude, fica evidente, a partir dos relatórios disponibilizados pela USAID, que as frentes de articulação para a queda de Milosevic envolveram não apenas jovens, mas uma vasta rede de agentes internos e externos atuantes na Sérvia. As demonstrações de massa testemunhadas em 2000 foram apenas o

estopim de um processo de organização da oposição ao regime que iniciara na Sérvia em 1997. O Otpor, fundado por um grupo de jovens em 1998 e findo em 2004, contou com amplo apoio midiático, técnico, de inteligência e financeiro de agentes externos a fim de organizar atividades contra o regime, tais como protestos de massa, panfletagem, agitação nas ruas, etc. De acordo com Bandeira (2013), esse movimento teria recebido US\$ 1,8 milhão do IRI, além de ter recebido parte dos US\$ 100 milhões de dólares fornecidos por George Soros aos movimentos contra o regime de Milosevic.

A partir da organização da oposição a Milosevic, entrincheirada tanto em ONGs, partidos e municipalidades, somada às campanhas de mídia contra o regime e ao monitoramento eleitoral, conseguiu-se construir uma operação que derrubou o governo da Sérvia em 2000, a qual valeu-se fundamentalmente de táticas de propaganda e marketing, inteligência e agitação política para ser bem sucedida. No momento em que são feitas as denúncias de fraude eleitoral, uma estrutura de mobilização e propaganda já fora montada a fim de causar comoção nacional e derrubar o governo. Este, por estar enfraquecido internamente e gozar de pouca credibilidade internacional após os episódios que desencadearam a Guerra do Kosovo, constituía um alvo com poucas condições de defender-se, tendo como alternativa renunciar ao cargo (USAID, 2002).

Fatores internos que contribuíram para que a Revolução Bulldozer fosse possível são os conflitos étnicos, que foram instrumentalizados pelos EUA a fim de provocar mudança de regime, assim como a falta de coesão entre as forças políticas internas e a fragilidade das forças de segurança da Sérvia. Em 2000, o país ainda se recuperava do bombardeio realizado pela OTAN em 1999 durante a Guerra do Kosovo e tinha parte de seu território sob administração interina da Organização das Nações Unidas, o que impossibilitava a repressão e a prevenção das demonstrações de massa contra o governo. As forças da ONU fizeram a segurança das manifestações anti-Milosevic nos locais onde estavam presentes, garantindo que elas ocorressem. Em função da atuação das forças da ONU no território sérvio e do desgaste internacional do governo daquele país, restrições à atuação de ONGs ou ao financiamento externo delas eram difíceis de serem aplicadas, de modo que o regime não contava com a alternativa de reprimir ou de prevenir a atuação dos agentes externos ligados à sua queda.

3.2 A Revolução Rosa na Geórgia (2003)

A Geórgia é um país localizado na região do Cáucaso, fazendo fronteira com o Azerbaijão, a Rússia e o Mar Cáspio. Tem duas regiões separatistas em sua metade norte, a Abecásia e Ossétia do Sul. Ocupa um território de interesse estratégico da Rússia e do Ocidente, dado que é território de trânsito entre a Europa e a Ásia. É ponto de passagem do oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan, que liga a capital do Azerbaijão, Baku, a Ceyhan, cidade portuária do sul da Turquia, banhada pelo Mar Mediterrâneo (CIA, 2015). Também é território de passagem do gasoduto do Sul do Cáucaso. De acordo com o governo dos EUA (USAID, 2003), a Geórgia configura área de interesse estratégico do país, sendo seus programas orientados à integração do território à União Europeia e à OTAN. A Geórgia entrou na Guerra do Iraque ao lado dos EUA em agosto de 2003, tendo solicitado sua entrada na OTAN em 2004, logo após a Revolução Colorida que analisaremos.

Mapa 3 – Geórgia (2015)



Fonte: Library of Texas University at Austin.

A Geórgia é um país independente desde 1991, ano da queda da União Soviética. Entre 1992 e 2003, foi governada por Eduard Shevardnadze, ex-chanceler soviético, tido como um dos idealizadores da perestroika, tendo trabalhado pela reunificação da Alemanha e retirada das

Forças Armadas da então União Soviética do Afeganistão em 1989. A atuação de Shevardnadze enquanto chanceler soviético lhe rendeu boas relações com os EUA, as quais garantiram o apoio da potência americana a seu governo até 2003. A Geórgia sob o governo de Shevardnadze era considerada um país razoavelmente liberal e democrático, sendo o país em que os esforços de democratização ocidentais, em especial estadunidenses, teriam tido um dos melhores desempenhos dentre as ex-repúblicas soviéticas (MUSKHELISHVILI, 2009). Atores como ONGs vinculadas a programas internacionais de promoção à democracia; mídia e partidos gozavam de espaço político para exercer suas atividades sem as perseguições típicas de regimes autoritários.

Em relatório publicado em junho de 2001 pela USAID, relativo ao período 1999-2000, consta que o serviço de assistência dos EUA trabalhava, àquele momento, com uma diversificada rede de ONGs, muitas delas ligadas a atividades relacionadas à promoção da democracia. Além disso, a USAID também trabalhava com auxílio à mídia, monitoramento eleitoral e auxílio partidário, sendo o principal doador estrangeiro em todas modalidades. Apesar de em 2000 já contar com trabalho junto a alguns dos atores que estariam posteriormente envolvidos nos protestos contra o presidente Milosevic, a USAID ainda não se engajara na estratégia de mudança de regime, visto que a recomendação anterior relativa à sua atuação na Geórgia previa a redução de financiamento para as atividades de promoção à democracia no país (USAID, 2001). Em 2000, a Geórgia e os EUA mantinham boas relações diplomáticas, tendo a Geórgia apoiado a iniciativa dos EUA de invasão do Iraque após os atentados terroristas de 11 de setembro. Após 2001, as relações entre EUA e Geórgia se deterioraram em função da aproximação georgiana à Rússia.

Em julho de 2003, a Geórgia firma um contrato energético com a companhia russa Gazprom. A compra da maioria das ações de uma companhia de energia que operava no país, vendida por um empresário americano e comprada pela Gazprom mediante assinatura de contrato secreto com duração de 25 anos seria uma das razões, de acordo com o governo estadunidense, para que a população viesse a ter a percepção de que o regime não tinha apoio internacional, especialmente americano (USAID, 2005). O contrato com a Gazprom ocorrera com o acordo do então presidente Shevardnadze, e incluía a importação subsidiada de gás da Rússia, então principal origem do gás consumido na Geórgia. Logo após, a matriz energética de Tbilisi, a capital georgiana, é vendida à Unified Energy System of Russia. Após esses episódios, contrários

aos interesses dos EUA e a uma parte da elite local georgiana, a ONG Transparency International avalia a Geórgia como um dos países mais corruptos do mundo, o que é seguido pela suspensão dos financiamentos do FMI ao país e do anúncio de redução do apoio estadunidense ao governo (USAID, 2005).

A Revolução Rosa ocorreu na Geórgia em novembro de 2003, ocasião em que o então presidente Eduard Shevardnadze renunciou ao cargo diante de protestos organizados por ONGs, partidos de oposição e mídia. Os protestos ocorreram em virtude de suposta fraude eleitoral e, a exemplo do movimento Otpor da Sérvia, foram liderados pelo movimento de juventude Kmara. O pleito que deflagra os protestos eleitorais em 2003 fora relativo a eleições parlamentares de 2 de novembro, acompanhado pela Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), pela ONG International Society for Fair Elections and Democracy (ISFED) e por grupos de pesquisa eleitoral contratados pelos EUA (Civil.Ge). A USAID (2005) vincula os fatores externos à ocorrência do fenômeno, ainda que não disponha de exame detalhado como fizera no caso da Geórgia. De acordo com os organismos internacionais, a eleição fora fraudada e o Movimento de União Nacional (MUN), oposição à União dos Cidadãos da Geórgia, partido do então presidente Shevardnadze, teria elegido a maioria do parlamento, o que diferia do resultado apresentado pelas autoridades georgianas.

A despeito de irregularidades no processo eleitoral da Geórgia já terem sido constatadas em pleitos anteriores pela OSCE, segundo a USAID não houve vontade política para que o processo político pudesse ter-se tornado mais transparente no passado (USAID, 2001). Entretanto, diferente do que ocorrera em pleitos passados, ao ser constatada a fraude em 2003, a OSCE prontamente encorajou os eleitores a buscarem seus direitos. Na ocasião, o canal Rustavi-2 veiculava as denúncias de fraude feitas pelo organismo europeu e pelas pesquisas contratadas pelos EUA, enquanto exibia e o documentário “Bringing down a Dictator”, que demonstrava como manifestações derrubaram o presidente da Sérvia em 2000. As ONGs, os movimentos da sociedade civil, os partidos de oposição centralizados no MUN e o Kmara, já organizados contra o governo desde o início de 2003, convocaram manifestações contra Shevardnadze, as quais foram amplamente divulgadas pelo canal Rustavi-2, o que garantiu a mobilização destas (ANABLE, 2006).

O canal Rustavi-2, fundamental para a veiculação do resultado eleitoral previsto pelos observadores internacionais na eleição de 2003, foi fundado em 1994 por Erosi Kitsmarishvili.

Levan Ramishvili e Giga Bokeria, os mesmos fundadores do movimento Kmara, trabalhavam no canal. À época em que foi fundada, era uma rede de televisão local que contou com o apoio da Internews, programa de apoio à mídia dos EUA, para viabilizar-se. Em 1996, mudou-se para Tbilisi, a capital da Geórgia, e recebeu apoio financeiro considerável da Eurasia Foundation. Após sua fundação, os jornalistas da emissora receberam constante treinamento de órgãos internacionais. Em 2000, era o canal mais assistido da Geórgia, concorrendo com a TV estatal. A partir de 2001, fica conhecida por seu viés de oposição ao governo, passando a ser perseguida por este. Em outubro daquele ano, uma tentativa governamental de fechar a emissora reúne 7 mil pessoas em protesto e provoca a resignação do então Ministro da Justiça Saakashvili, que era aliado de Shevardnadze. O episódio envolvendo a Rustavi-2 enfraquece o governo, dado que novos líderes antes aliados retiram seu apoio (ANABLE, 2006).

O partido Movimento de União Nacional, encabeçado por Mikheil Saakashvili, data de outubro de 2001. Até o atual momento, o partido de Saakashvili é reconhecido por defender uma aproximação da Geórgia à União Europeia e à OTAN, assim como a recuperação do controle georgiano sobre as regiões separatistas de Abecásia e Ossétia do Sul. Na ocasião dos protestos contra a fraude eleitoral de 2003, o Movimento de União Nacional atuou em conjunto com o movimento de juventude Kmara, o qual angariou amplo apoio popular e midiático e serviu de apoio para a viabilidade política do projeto de Saakashvili. Em junho de 2001, a USAID relatava que não haveria um partido capaz de mudar o sistema eleitoral da Geórgia, dado que todos tinham o mesmo funcionamento interno, sendo incapazes de provocar grandes mudanças. Essa realidade modifica-se com a fundação do MUN, que recebe amplo apoio dos EUA e do Reino Unido antes e depois da Revolução Rosa (FORESTI; JIJELAVA; WELTON, 2010).

O movimento Kmara data de 2003, tendo sua primeira aparição pública em abril daquele ano, quando seus integrantes protestaram contra o governo e prometeram manifestações futuras. Em agosto do mesmo ano, manifestaram em frente ao Ministério de Energia contra a entrada da estatal russa Unified Energy Systems (UES) no país (Civil.Ge). Desde sua fundação, o movimento foi financiado por George Soros, sendo parte de uma nova política de promoção à democracia da Open Society Georgia Foundation (MUSKHELISHVILI, 2009). O movimento também foi apoiado por organizações como a USAID, o NED, o IRI e outros organismos internacionais. Apesar de ter sua fundação em 2003, o Kmara é apoiado e tem relações com a rede de ONGs internacionalmente financiadas já estabelecida na Geórgia, aproveitando-se de

seus esforços organizativos anteriores, que propiciaram que o Kmara tivesse alcance nacional. O Kmara teve declarada inspiração no seu correspondente sérvio Otpor, cujos membros ofereceram treinamento ao novo movimento georgiano (ANABLE, 2006). De acordo com David Anable:

[...] as lições de como usar métodos não violentos para induzir mudança enquanto evita a repressão do regime, utilizado pelos pioneiros da Sérvia, o movimento de estudantes Otpor (“Resistência”), foi especificamente ensinado para seu equivalente na Geórgia, o Kmara (“Chega”), e depois para o movimento de estudantes da Ucrânia, Pora (“É Tempo”). Na Geórgia, as técnicas não violentas utilizadas pelo Otpor e pela oposição sérvia foram transmitidas pelo canal Rustavi-2 em um documentário sobre a revolução sérvia, produzido por Americans Steve York e Peter Ackerman.

George Soros também providenciou assistência notável. Na primavera de 2003, seu Open Society Institute (OSI) enviou para a Sérvia dois líderes do Liberty Institute, uma ONG da sociedade civil, para encontrar com os líderes do Otpor. Naquele verão, ele financiou uma viagem de regresso à Geórgia e ao Otpor para treinar mais de 1.000 estudantes georgianos em “técnicas revolucionárias utilizando humor e subversão pacífica.”¹¹ (ANABLE, 2006, p. 5, tradução nossa)

À semelhança do caso sérvio, a destituição de Shevardnadze ocorreu a partir de uma operação envolvendo atores ligados a organizações internacionais de promoção à democracia, tais como USAID, the Open Society Georgia Foundation (OSGF), the Eurasia Foundation, Horizonti Foundation, Friedrich-Ebert-Stiftung. As ONGs envolvidas nos protestos também eram financiadas pela Embaixada dos Estados Unidos, pela União Europeia e por outros doadores internacionais (MUSKHELISHVILI, 2009). As doações a ONGs, partidos e mídia visando à promoção da democracia na Geórgia iniciaram nos anos 1994 e 1995, tendo a USAID como o principal financiador (USAID, 2001). Diferente do que ocorrera na Sérvia, entretanto, a USAID não instalou um Office of Transition Initiatives no país, contatando diretamente as ONGs e os veículos de mídia sem nenhum tipo de missão especial declarada.

¹¹Do original: “[...] the lessons on how to use nonviolent methods to induce change while avoiding regime repression, pioneered by Serbia’s Otpor (“Resistance”) student movement, were specifically taught to Georgia’s equivalent, Kmara (“Enough”) and thereafter to the Ukrainian student movement, Pora (“High Time”). In Georgia, the nonviolent techniques used by Otpor and the Serb opposition were broadcast by Rustavi-2 in a documentary about the Serbian revolution produced by Americans Steve York and Peter Ackerman.

George Soros also provided a notable assist. In the spring of 2003 his Open Society Institute (OSI) sent the two leaders of the Liberty Institute, a civil society NGO, to Serbia to meet with Otpor leaders. Later that summer, he funded a return visit to Georgia, by Otpor activists, to train more than 1,000 Georgian students in “revolutionary techniques using humor and peaceful subversion.””

Quadro 4 – Atores da Revolução Rosa e sua filiação internacional

Ator	Tipo	Papel	Filiação Internacional
Rustavi-2	Grupo de mídia (canal de TV)	Veicular informações contra governo; denunciar fraude eleitoral; divulgar manifestações	Internews, Eurasia Foundation (USAID), The Liberty Institute
Movimento de União Nacional	Partido	Aglutinar oposição para disputar eleições	USAID, IRI, NDI, NED
Kmara	Movimento de juventude	Organizar protestos contra o governo	OSGF, USAID, NED, IRI
OSCE; ISFED (ONG)	Monitoramento eleitoral	Monitorar eleições; denunciar fraude eleitoral; incentivar eleitores a protestar por alegada fraude	União Europeia; EUA

Fonte: USAID (2001). Elaboração própria.

Embora documentos oficiais do governo dos Estados Unidos da América acerca de uma possível estratégia declaradamente aplicada para mudança de regime na Geórgia não tenham sido encontrados, é notável a semelhança com os acontecimentos na Sérvia, onde declaradamente foi aplicada uma operação de mudança de regime. Entretanto, os relatórios da USAID reconhecem que atores por eles treinados e financiados, além de sua pressão diplomática, foram cruciais para que a dita Revolução Rosa ocorresse:

Promotores da democracia, oficiais e não-oficiais, seguiram políticas que aumentaram as chances de que uma eleição democrática ocorreria, a qual, no final, contribuiria para a mudança de regime. A alta diplomacia dos EUA estar envolvida num processo de eleição limpa (incluindo a visita pré-eleitoral do então Secretário de Estado James Baker, que demandou ao regime a aceitação do PVT e da reforma das comissões eleitorais); o financiamento dos EUA dado à reforma da lista de votantes, o treinamento e implementação do PVT, o cultivo das ONGs locais de monitoramento eleitoral; e o treinamento financiado pela Soros Foundation dado à organização de juventude Kmara são mencionados de maneira plausível como fatores que aumentaram a pressão sobre o governo para a realização de uma eleição democrática, ao passo que aumentava a probabilidade de detecção de fraude.¹² (USAID, 2005, p. 9, tradução nossa)

¹²Do original: Democracy promoters, official and otherwise, pursued a number of policies that improved the chances a democratic election would occur and which, in the end, contributed to regime change. High-level U.S. diplomacy in support of a clean election (including a pre-election visit of former Secretary of State James Baker, who urged the regime to accept the PVT and reform of electoral

Ainda que o argumento estadunidense em relação à Revolução Rosa na Geórgia seja de que apenas houve treinamento externo à mídia e a instituições democráticas, sem intenção deliberada de provocar a queda de Milosevic, Sussman e Krader apontam que ela fora preparada desde fora a fim de organizar a oposição a Shevardnadze, com financiamento e organização de uma rede de apoio internacional:

Na Geórgia, a comunidade de assistência dos EUA alegava estar auxiliando apenas indiretamente os movimentos de oposição, como por meio de treinamento de jornalistas e juízes (USAID, 2006). Havia várias opções sem intervenção direta, e o líder do Liberty Institute Levan Ramishvili creditou a assistência estadunidense com o preparo de uma ampla rede de pessoas que ingressaram na “revolução rosa” da Geórgia (USAID, 2006). Para citar um exemplo, os EUA e outras ONGs estrangeiras possibilitaram que veteranos eslováquios do movimento de ação ‘OK 98’ visitassem dessem consultoria aos membros da oposição georgiana a fim de preparar o terreno para a derrubada de Shevardnadze (KandelakiandMeladze 2007, 106). E, como na Sérvia, os programas de assistência estadunidenses copiosamente excluíram forças que não fossem de oposição. No total, os EUA gastaram US\$ 2,4 milhões na eleição georgiana de 2001 (KandelakiandMeladze 2007, 114). Iniciativas de mudança de regime naquele país receberam suporte financeiro adicional da União Europeia, da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) e do Conselho Europeu (Herd, 2005).¹³ (SUSSMAN; KRADER, 2008, p. 101, tradução nossa)

Se abordarmos os movimentos de acordo com as categorias apresentadas pela USAID no caso sérvio, podemos identificar fases de organização da operação tal como ocorrera na Revolução Bulldozer. As fases consistiriam na organização da oposição ao presidente

commissions); USAID funding for voter list reform, PVT training and implementation, and the cultivation of local election monitoring NGOs; and Soros Foundation-funded training for the youth organization Kmara are all credibly cited as factors that increased pressure on the government to hold a reasonably democratic election, while increasing the likelihood that fraud would be detected. (USAID, 2005:9).

¹³Do original: “In Georgia, the U.S. assistance community claimed to be only indirectly supporting oppositional movements, such as through training for journalists and judges (USAID 2006). There were several options short of direct intervention, and Liberty Institute leader LevanRamishvili credited US assistance with preparing a broad network of people to join Georgia’s ‘rose revolution’ (USAID 2006). As one example, U.S. and other foreign NGOs enabled Slovakian veterans of the civic action group ‘OK ‘98’ to visit and consult with Georgia’s opposition forces to set the stage for the overthrow of Shevardnadze (Kandelaki and Meladze 2007, 106). And, as in Serbia, U.S. assistance programs largely excluded non-opposition forces. In total, the U.S. spent \$2.4 million on Georgia’s 2004 election (MacKinnon 2007, 114). Regime change initiatives in that country drew additional financial support from the European Union, the Organization for Security and Cooperation in Europe, and the Council of Europe (Herd 2005).”

Shevardnadze, que iniciaram em 2001 com a maior criticidade da cobertura midiática e da mobilização das ONGs e se intensificaram em abril de 2003 com a fundação do movimento Otpor. As denúncias de fraude eleitoral em novembro de 2003 seriam o desfecho da crise cujos elementos já estavam postos anteriormente, organizados para provocar uma mudança de governo. Conforme recomendado pela USAID na Sérvia, a operação de mudança de regime foi rápida – durou cerca de dois anos – e eficaz, substituindo rapidamente o antigo presidente por outro pela via eleitoral. Além disso, em acordo com a recomendação do organismo internacional, a transição não foi violenta no caso da Geórgia.

Quando os protestos de massa tomaram as ruas, após prévia organização por parte de ONGs, partidos de oposição, mídia (especialmente o canal Rustavi-2) e o movimento Kmara, o então presidente declarou estado de emergência no país. Porém, as forças de segurança da Geórgia tiveram pequeno espaço para reagir às manifestações. O fato de as demonstrações populares terem sido grandes e não envolverem o uso de violência como método principal de protesto inibia a repressão policial. Além disso, parte das forças de segurança apoiava a oposição – o que, no julgamento de Shevardnadze, poderia colocar o país em guerra civil caso houvesse repressão aos protestos (KARUMIDZE; WERTSCH, 2005). Diante da pressão popular e internacional e da divisão das forças de segurança pouco restou a Shevardnadze além da renúncia.

Em janeiro de 2004, Saakashvili, que forjou-se como forte figura de oposição ao governo anterior, é eleito presidente por uma ampla coalizão de partidos. Sua campanha foi apoiada pela comunidade de ONGs do país, contando também com o apoio do Kmara, cujas lideranças passaram a integrar o novo governo. O canal Rustavi-2, vinculado ao Liberty Institute, também lhe deu apoio. O governo de Saakashvili contou, a princípio, com forte apoio dos EUA e da União Europeia, tendo o presidente George W. Bush declarado que a Geórgia seria um “beacon of Democracy” (MUSKHELISHVILI, 2009) e o novo presidente solicitado a entrada da Geórgia na OTAN ainda em 2004.

3.3 A (tentativa de) revolução colorida no Azerbaijão (2005)

O Azerbaijão localiza-se no Cáucaso, é banhado pelo Mar Cáspio e faz fronteira com a Rússia, a Armênia, a Geórgia e o Irã. O país configura parte do corredor entre as partes Leste e

Oeste do mundo, sendo rota do oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan e do gasoduto Baku-Tbilisi-Erzum, que leva à Turquia. É de importância estratégica para o Ocidente (EUA e União Europeia em especial) em função de prover espaço aéreo para as operações da OTAN no Afeganistão (GAHRAMANOVA, 2009). A economia do país gira em torno da exploração de petróleo e gás, recursos que são exportados principalmente para Itália, Indonésia, Alemanha, Israel e França. Petróleo, gás e seus derivados correspondem a 90% das exportações do país (CIA, 2014). A população do país é estimada em 9.780.780 habitantes (CIA, 2015). Desde 1993, o país é governado pela família Ailyev. No referido ano, houve um golpe de Estado que tirou do poder um governo democraticamente eleito em 1992, instalando após o golpe o presidente Heydar Aliyev (GAHRAMANOVA, 2009). Em 2003, diante da morte de Heydar, Ilham Aliyev, seu filho, assume a presidência do Azerbaijão, posto que ocupa até o presente momento.

Mapa 4 – Azerbaijão (2015)



Fonte: Wikipédia

No ano de 2005, houve protestos eleitorais no país, os quais eram apoiados pela oposição ao governo dos Aliyev. Naquele ano, houve eleições parlamentares no Azerbaijão, as quais, de acordo com os organismos internacionais e os partidos não pertencentes à coalizão de governo,

foram fraudadas. Os protestos ocorrem dois anos após a eleição do presidente Ilham Aliyev, em que também observou-se irregularidades. Apesar de a OSCE e de os USAID verificarem sucessivas irregularidades eleitorais no Azerbaijão, políticas de promoção à democracia que incentivassem a participação da sociedade civil no processo de eleição não foram adotadas pelos EUA e pela União Europeia, diferente do ocorrido nos casos de Sérvia e Geórgia. Além disso, pressões diplomáticas por parte do Ocidente demandando a lisura do processo eleitoral do país não foram feitas. É objetivo desta seção analisar a interação entre os fatores internos e externos que impossibilitaram que uma revolução colorida ocorresse no Azerbaijão em 2005, abordando a postura dos programas ocidentais de promoção à democracia no país e comparando-a à atuação destes mesmos programas em países em que as Revoluções Coloridas foram bem sucedidas.

Em relação aos fatores internos, é notável o fato de que os Aliyev conseguiram formar uma unidade sólida entre as elites, diminuindo drasticamente a probabilidade de que houvesse oposição forte oriunda da anterior elite governante. Tanto no caso da Geórgia quanto no da Sérvia, o governo encontrava-se desgastado e com cisões internas, o que possibilitou a mudança de rumo de figuras que no passado foram parte do governo. O mesmo não se pode dizer sobre o Azerbaijão (CHETERIAN, 2010). As figuras de oposição eram escassas - e uma das poucas que poderia fazer oposição séria ao regime, Rasul Guliyev, um dos homens mais ricos do país, então radicado nos EUA – recebeu a mensagem de que seria preso caso regressasse ao país para concorrer à presidência.

Nas eleições de 2003, a oposição ao regime, fraca e dividida, não conseguiu mobilizar protestos de massa. Além da carência de líderes, a oposição não contava com canais de comunicação próprios, dado que o governo do Azerbaijão impunha censura, tampouco com movimentos de juventude organizados que pudessem organizar mobilizações. Apesar de terem havido tentativas de organizar movimentos semelhantes ao serviço Kmara e ao georgiano Otpor, os seus respectivos no Azerbaijão não contavam com os mesmos recursos. De acordo com Vicken Cheterian, o Yeni Fikir e o Magam no Azerbaijão “eram o reflexo pálido de organizações de juventude originárias das revoluções rosa e laranja”¹⁴(CHETERIAN, 2010:109), com pouca base social no país.

Além de a oposição não dispor de recursos organizativos e financeiros suficientes para organizar uma revolução colorida, também pesava o fato de que o aparelho repressivo do Estado

¹⁴ Do original: “were the pale reflection of the youth organizations of the original copies of Orange and Rose revolutions”.

era forte e estava concentrado nas mãos do governo, sem divisões internas que propiciassem a negociação de uma saída, como fora o caso de Shevardnadze. As forças de segurança cumpriam com a função de prender figuras da oposição, assassinar jornalistas, censurar a mídia e reprimir protestos, sendo um grande fator de desincentivo para a ocorrência de grandes manifestações de massa. O fato de que a maior manifestação organizada pela oposição juntou, na maior das ocorrências, 15 mil protestantes tornava razoavelmente fácil que elas fossem reprimidas (CHETERIAN, 2010).

Entre os fatores externos, pesa o fato de que a OSCE, ainda que apontasse diversas inconsistências no processo eleitoral de 2003 – intimidação pré-eleitoral, repressão violenta após as eleições – não tomou maiores medidas ou se posicionou acerca das fraudes. As organizações estadunidenses seguiram o mesmo caminho (CHETERIAN, 2010). Nas eleições parlamentares de outubro de 2005 as fraudes eleitorais persistiram, mas nem a OSCE nem a USAID tomaram ações de reprimenda a respeito. A USAID adotou a postura de negociar alguns assentos a mais no parlamento para a oposição em vez de incentivar o protesto eleitoral (GAHRAMANOVA, 2009), o que em muito difere das posições assumidas na Sérvia e na Geórgia. O governo dos EUA e dos países da União Europeia também não contestaram o processo eleitoral e a repressão no país, assumindo uma postura de defesa da estabilidade do regime, o qual garantia fornecimento de petróleo e gás para os países da União Europeia.

Fora a atuação pró-regime da diplomacia ocidental e a não-manifestação dos observadores internacionais contra as fraudes eleitorais, pesa o fato de que a política de ajuda dos EUA e da União Europeia ao Azerbaijão tivera, desde os anos 1990, caráter diferente daquele oferecido aos países do Leste Europeu (GAHRAMANOVA, 2009). Ao passo que na Sérvia e na Geórgia houve grandes investimentos por parte da USAID e de fundações européias na promoção de mídia independente do governo, cruciais para fomentar os protestos de oposição, no Azerbaijão a mídia era censurada sem grandes protestos dos países ocidentais. Os investimentos em ONGs também eram distintos: ao passo que no Leste Europeu os EUA e a EU investiam em organizações que promoviam campanhas educacionais de incentivo ao voto, treinamento para processo eleitoral e organização para a participação nos processos políticos, no Azerbaijão o foco do investimento ocidental em ONGs eram àquelas que promoviam serviços de auxílio a refugiados, sendo distanciadas do processo de disputa política (GAHRAMANOVA, 2009).

Os movimentos de juventude do Azerbaijão, por sua vez, não receberam treinamento em técnicas de protesto pago pela USAID ou pelo Open Society Institute, sendo eles movimentos dependentes dos recursos internos que a oposição ao regime conseguia angariar. A oposição, por sua vez, não recebia auxílio partidário oriundo do Ocidente, dependendo de seus próprios meios técnicos e financeiros para atuar. Os desafiantes da elite local tampouco recebiam auxílio dos EUA e da União Europeia – o apoio destes destinava-se ao governo vigente a despeito das violações a democracia que este realizava (GAHRAMANOVA, 2009) (CHETERIAN, 2010).

A despeito da retórica democrática, para o Ocidente os fluxos de petróleo que o Azerbaijão garantia com o governo vigente sobressaíam-se à promoção à democracia. De acordo com Cheterian, ainda que a democracia fosse importante para o Ocidente,

Ainda mais importantes são os interesses no petróleo do Azerbaijão. Em maio de 2005 o oleoduto Baku-Ceyhan foi inaugurado, bombeando óleo de campos de petróleo offshore para os mercados ocidentais. Demoraram seis meses para completar o oleoduto de 1.770 km, cuja construção custou US\$ 4 bilhões. O oleoduto levaria um milhão de barris de petróleo por dia em 2008. Calculou-se que mesmo que o preço do petróleo caísse a menos de US\$ 45 o barril, o retorno seria de cerca de US\$ 160 bilhões em 2030, uma grande quantia considerando que todo o orçamento do país em 2005 foi de apenas US\$ 2 bilhões.¹⁵ (CHETERIAN, 2010, p. 110, tradução nossa)

Os investimentos ocidentais no Azerbaijão, diferente do que é alegado pelos EUA para o Leste Europeu, nunca precisaram de democracia para consolidar-se.

3.4 A (tentativa de) revolução colorida na Bielorrússia (2006)

A Bielorrússia é um país situado no Leste Europeu que faz fronteira com Rússia, Ucrânia, Polônia, Lituânia e Letônia. É um país independente desde a queda da URSS, em 1991, União à qual pertencera por setenta anos. Desde 1994, é governada por Alexander Lukashenko, que tem sido desde então reeleito presidente da Bielorrússia. Em 1999, a Bielorrússia e a Rússia entraram

¹⁵Do original: “Even more important is the Azerbaijani oil interests. In May 2005 the Baku-Ceyhan pipeline was inaugurated, pumping oil from offshore oil fields to Western markets. It took six months to fill the 1,770 km pipeline, whose construction cost some US\$4 billion. The pipeline was to pump a million barrels of oil a day by 2008. It was calculated that even if the price of oil were to fall to US\$45 a barrel, this would bring returns as high as US\$160 billion by 2030, a huge amount considering that the country’s entire budget for 2005 was only US\$2 billion.”

em acordo para a constituição de uma união supranacional, a qual ainda não foi plenamente efetivada. A Bielorrússia conta com os setores de indústria e agricultura bem desenvolvidos, herança do período soviético. Após a desintegração da URSS, o país não realizou grandes reformas de mercado, de modo que o desenvolvimento econômico depende em grande parte de decisões governamentais. A Bielorrússia tem como principal parceiro comercial a Rússia, da qual importa energia e matérias primas, sendo especialmente dependente do gás russo.

Mapa 5 – Bielorrússia (2015)



Fonte: The CIA World Factbook

Em algumas eleições ocorridas no país, em especial a de 2006, os EUA, a União Europeia e a OSCE acusaram o governo bielorrusso de fraude eleitoral, denominando-o “a última ditadura da Europa”. Naquele ano, Lukashenko fora reeleito a mais um mandato presidencial com mais de 80% dos votos (MARPLES, 2009), o que foi seguido de alguns protestos eleitorais por parte da oposição. O episódio, que ficou conhecido como “revolução jeans”, foi reprimido pelas forças de segurança do Estado, não sendo bem sucedido em provocar mudança de regime nem em convocar novas eleições.

Nas eleições presidenciais da Bielorrússia de 2006, alguns elementos verificados nas Revoluções Coloridas de Sérvia, Geórgia e Ucrânia estiveram presentes. Houve esforço por parte dos EUA e da União Europeia para pressionar por um regime mais liberal no país, tanto pela via diplomática quanto pelo bloqueio econômico e pelo auxílio dado a uma oposição que, quisera-se, poderia tocar reformas liberalizantes no país. O auxílio dado à oposição bielorrussa ocorreu nos mesmos moldes ao dado à oposição sérvia, georgiana e ucraniana, consistindo em auxílio partidário, auxílio à mídia, financiamento e treinamento a ONGs e a movimentos de juventude. De acordo com a justificativa orçamentária enviada pela USAID ao Congresso estadunidense em 2006,

O foco da assistência da USAID na Bielorrússia é em aumentar a participação dos cidadãos em práticas democráticas através do engajamento com diversos elementos subdesenvolvidos da sociedade bielorrussa, incluindo mídia independente, organizações da sociedade civil e ONGs, além de outros atores democraticamente orientados. Atividades incluem suporte a: uma mídia particularmente vulnerável; pluralismo e participação básica nos campos social, econômico e político; atividades de empreendedorismo rural; proteção da saúde e do bem-estar de mulheres e crianças. A USAID pretende usar US\$ 4 milhões no Ano Fiscal de 2006 para modificar e expandir oportunidades para cidadãos bielorrussos e ONGs participarem na sociedade civil, além de endereçar políticas prioritárias de desenvolvimento nas áreas de combate ao tráfico, política econômica e tratamento e prevenção da HIV/AIDS.¹⁶ (USAID, 2006, p. 356, tradução nossa)

A despeito de a USAID não ter apenas iniciativas relacionadas diretamente à vida política do país, entre os anos de 2004 e 2007 a imensa maioria dos recursos estadunidenses destinados à Bielorrússia deu-se na área de democracia e governança, tendo como principal foco o incentivo da maior participação dos cidadãos no processo eleitoral. Em 2004, o total gasto pela USAID no país somou US\$ 8.043.000,00 dos quais US\$ 5.588.000,00 foram investidos em participação dos cidadãos no processo democrático. Em 2005, o total gasto pela agência somou US\$

¹⁶Do original: “The focus of USAID’s assistance in Belarus is to increase citizen participation in democratic practices through engagement with diverse and still-undeveloped elements of Belarusian society, including the independent media, civil society organizations and NGOs, and other democratically oriented actors. Activities include support for: a particularly vulnerable independent media; basic social, economic, and political participation and pluralism; rural entrepreneurial initiatives; and protection of the health and welfare of women and children. USAID plans to use \$4 million of FY 2006 funds to modify and expand opportunities for Belarusian citizens and NGOs to participate in civil society and to address key development priorities such as anti-trafficking, economic policy, and HIV/AIDS prevention and treatment.” (USAID, 2006)

12.146.000,00, dos quais US\$ 6.780.000,00 foram investidos novamente em participação dos cidadãos no processo democrático, ao passo que em 2006 US\$ 11.484.000,00 foram gastos no país, dos quais US\$ 7.984.000,00 foram investidos em participação dos cidadãos no processo democrático (USAID, 2007). Apesar de existirem alguns investimentos do país na área social, a esmagadora maioria do orçamento da USAID vai para iniciativas políticas, as quais responderam, nos anos antecedentes à eleição de Lukashenko, a mais da metade do orçamento da agência.

Figura 1 – Gastos da USAID na Bielorrússia (2004-2007)

Objetivos, Setores e Força de Trabalho

Diretor da Missão: Earl Gast

Orçamento do Programa (Apropriação por Objetivo)		AF 2004 (US\$000)	AF 2005 (US\$000)	AF 2006 (US\$000)	AF 2007 (US\$000)	Variação (%) 2004-2007	Pontuação Performance 2005	Relação Custo/Benefício da Adm. Dir.
113-0210 Participação Cidadã em Práticas Democráticas		5.588	6.780	7.984	7.172	28,3%	0,89	Não Atingido
Transferência para Outra Agência Governamental dos EUA		2.455	5.366	3.500	2.828	15,2%		
Total do País		8.043	12.146	11.484	10.000	24,3%		0,06

Orçamento do Programa (Apropriações por Descrição)		AF 2004 (US\$000)	AF 2005 (US\$000)	AF 2006 (US\$000)	AF 2007 (US\$000)	Variação (%) 2004-2007
FREEDOM Support Act		8.043	12.146	11.484	10.000	24,3%
Total		8.043	12.146	11.484	10.000	24,3%

Orçamento do Programa por Setor e Descrição		AF 2004 (US\$000)	AF 2005 (US\$000)	AF 2006 (US\$000)	AF 2007 (US\$000)	Variação (%) 2004-2007
Agricultura e Meio-Ambiente	FSA	0	0	100	0	Não se aplica
Educação Superior & Treinamento	FSA	900	0	0	0	Não se aplica
Crescimento Econômico	FSA	444	517	1.742	1.235	178,2%
Direitos Humanos	FSA	700	297	0	0	Não se aplica
Democracia e Governança	FSA	4.650	10.582	8.048	8.363	79,8%
Gerenciamento de Conflitos / Assistência Humanitária	FSA	500	400	470	402	-19,6%
HIV / AIDS	FSA	849	310	0	0	Não se aplica
Sobrevivência Infantil e Saúde Materna	FSA	0	0	624	0	Não se aplica
Crianças Vulneráveis	FSA	0	40	0	0	Não se aplica
Outras Doenças Infecciosas	FSA	0	0	500	0	Não se aplica
Total		8.043	12.146	11.484	10.000	24,3%

Fonte: USAID, 2007, p. 252. Tradução nossa.

De acordo com a USAID, os EUA teriam interesses estratégicos na Bielorrússia que justificariam o investimento da agência estadunidense no país:

Os interesses estratégicos dos EUA na Bielorrússia são significativos. A Bielorrússia requer assistência para avançar para um regime mais democrático e para um ambiente político e econômico responsável, que a levaria a potencialmente ter maior integração com os países vizinhos da União Europeia e organizações econômicas e securitárias do Ocidente. A Bielorrússia também apresenta problemas de desenvolvimento social, como por exemplo estratégias para combater HIV/AIDS e o tráfico, duas iniciativas prioritárias para a política

externa estadunidense. A Bielorrússia é signatária de acordos internacionais, incluindo os anti-terrorismo, o que poderia contribuir para avanços importantes com a assistência contínua dos EUA em desenvolvimento e diplomacia.¹⁷ (USAID, 2006, p. 356, tradução nossa)

A promoção à democracia, conforme atesta o trecho citado, é vista pelo programa estadunidense como meio para integrar a Bielorrússia a instituições ocidentais, como a União Europeia e a OTAN, servindo a democracia não apenas como fim em si mesmo, mas como meio para atingir-se objetivos estratégicos. Além disso, “ainda que a Bielorrússia seja atualmente governada por um regime autoritário e tenha uma economia estagnada, ela continua a ter potencial, por meio da sociedade civil, de desenvolver instituições democráticas e uma economia de mercado”¹⁸ (USAID, 2005, p. 521). Promover reformas de mercado, em especial privatizações, seria outro objetivo estadunidense associado aos programas de promoção à democracia na Bielorrússia.

A despeito do apoio internacional dado pelos EUA e pela União Europeia na eleição presidencial de 2006, a combinação de fatores na arena doméstica necessária para haver uma mudança de regime não ocorreu. A atuação da mídia, dos partidos e candidatos de oposição e dos manifestantes contra o governo foi limitada tanto pela atuação policial quanto pela impossibilidade de a oposição captar recursos no cenário doméstico. Além disso, o governo de Lukashenka gozava de alta popularidade, o que lhe fazia ser o candidato favorito no pleito (MARKUS, 2010).

Em 2006, os veículos de mídia dominados pela oposição eram poucos, consistindo em alguns jornais. Esses jornais eram tirados de circulação pelo governo da Bielorrússia com alguma frequência, especialmente em período eleitoral, de modo que seu impacto sobre o eleitorado era pequeno. Os canais de TV mais assistidos no país eram de propriedade do Estado bielorrusso ou da Rússia, não tendo em sua programação conteúdos que desafiassem as autoridades do país. As

¹⁷Do original: “US. strategic interests in Belarus are significant. Belarus requires assistance to advance to a more democratic and accountable political and economic environment, which would in turn potentially lead to increased integration with neighboring EU members and Western security and economic institutions. Belarus also faces social development concerns, i.e. developing strategies to combat HIV/AIDS and trafficking, two key U.S. foreign policy priorities. Belarus is a signatory of international agreements, including those on anti-terrorism, which could contribute to important advancements with continued U.S. development and diplomacy assistance.” (USAID, 2006)

¹⁸ Do original: “although Belarus is currently led by an authoritarian regime and has a stagnant economy, it continues to have the potential, through pockets of its civil society, to develop both democratic institutions and a market-driven economic system”.

rádios que os países ocidentais mantinham no país, como a Free Europe, nunca tiveram grande alcance e apenas dez por cento das pessoas utilizava a internet regularmente (MARPLES, 2009). A campanha eleitoral de cada uma das partes concorrentes nas eleições era exibida na TV estatal, que fazia uma cobertura pró-governo. Assim sendo, os principais meios de comunicação, como redes de TV e jornais, não eram de fácil acesso para a oposição, ficando limitadas suas possibilidades de mobilização.

A oposição a Lukashenko era pequena e dividida. Constituída pelo Partido Social Democrata, pela Frente Popular da Bielorrússia e pelo Partido Comunista, tinham poucos assentos no parlamento e dificuldades em unificar-se em torno de uma candidatura. A despeito de terem formado o Movimento de União Democrática, as opções de candidato eram escassas e controversas, visto que as lideranças de oposição não eram fortes dentro da Bielorrússia (MARPLES, 2009). As poucas que tinham alguma viabilidade costumavam ser presas, o que contribuía para o constante retraimento e desorganização das forças políticas não ligadas ao governo. Os partidos políticos de oposição apresentavam baixo enraizamento eleitoral, chegando a 5% (MARPLES, 2009), o que implicava uma baixa capacidade de mobilização. Por fim, os candidatos de oposição não poderiam utilizar-se de financiamento privado de campanha, tendo uma cota de US\$ 31.000.000,00 fornecida pelo governo para imprimir material (MARKUS, 2010).

As ONGs e os movimentos de juventude, por sua vez, tiveram dificuldades organizativas em função de o financiamento externo, o registro de novas organizações governamentais e a entrada de membros de movimentos de outros países ter sido dificultado ou barrado. De acordo com a OSCE,

As ONGs também foram perseguidas no país, fazendo-as menos efetivas durante as eleições e os protestos pós-eleitorais. Há aproximadamente 2.500 ONGs registradas no país, mas tornou-se cada vez mais difícil registrá-las. Em 2005, antes da eleição, 68 ONGs foram desregistradas e das cerca de 1.284 requisições de registro apenas 61 foram bem-sucedidas. Naquele mesmo ano o código penal foi alterado para aumentar a penalidade para dois anos de cárcere para participação em uma organização não registrada¹⁹(OSCE 2006²⁰ apud MARKUS, 2010, p. 125, tradução nossa).

¹⁹Do original: “NGOs have also been targeted in the country, making them less effective during the elections and post- election protests. There are approximately 2,500 NGOs registered in the country, but it had become increasingly difficult to register them. In 2005, just before the election, 68 NGOs were deregistered and out of the 1,284 registration applications received from NGOs, only 61 were successful.

Os movimentos de juventude da Bielorrússia, que em 2005 já faziam contato com o Kmara da revolução colorida da Geórgia e com o Pora da Ucrânia, tiveram algumas de suas lideranças presas durante a campanha eleitoral de 2006. Ainda em 2005 o governo bielorrusso, tendo em vista evitar o fenômeno ocorrido no país vizinho, barra a entrada de membros do movimento ucraniano e georgiano, a fim de que o treinamento aos movimentos de juventude nacionais não fosse possível (MARKUS, 2010). Assim sendo, a atuação política de tais movimentos viu-se grandemente prejudicada, tanto em quesitos técnicos quanto financeiros.

O fato de que a polícia da Bielorrússia era bem paga e dependente do governo nacional para receber seus vencimentos contribuiu para que executasse o trabalho de reprimir e prevenir protestos eleitorais. Diferente do que ocorrera na Ucrânia, em que parte das forças recusaram-se a reprimir os manifestantes após suposta fraude eleitoral, e da Geórgia, em que as forças encontravam-se divididas entre pró-oposição e pró-governo, não houve divisões entre a polícia bielorrussa, que sempre cumpriu as ordens vindas de Lukashenko (MARKUS, 2010) (MARPLES, 2009).

O governo de Lukashenko, enfim, gozava de grande popularidade na época do pleito de 2006 (MARPLES, 2009) (MARKUS, 2010), o que foi central para que os protestos contra a fraude eleitoral não vingassem. Ainda que a OSCE alegasse que o regime bielorrusso fosse autoritário e violasse liberdades básicas necessárias para que se considerasse o regime como democrático, o governo nacional era bem avaliado pelo conjunto da população. A Bielorrússia vivia um bom momento econômico e o padrão de vida era relativamente elevado; o governo conseguia pagar salários e pensões em dia e os choques da economia global não afetavam o país em função de sua economia ser vinculada ao Estado. Assim sendo, tentativas de mudança de regime apoiadas por agentes externos, por melhor arquitetadas que fossem, não vingaram no país em função de suas condições domésticas.

That same year the criminal code was amended to increase the penalty to up to two years in jail for participation in an unregistered organization (OSCE 2006 in MARKUS, 2010).

²⁰ OSCE, 2006. International Observer Mission: Presidential Elections, Republic of Belarus- 19 March 2006.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa elaborada e apresentada neste trabalho, concluímos que nossas hipóteses preliminares acerca do fenômeno estavam corretas, as quais:

- a) as denominadas Revoluções Coloridas ocorreram de acordo com determinado modelo (*Road map*), passível de ser replicado;
- b) o modelo deve-se à formulação de atores externos, seja ONGs, Estados ou fundações;
- c) o fator internacional, ainda que não seja o único elemento explicativo dos eventos, é central para determinação do desfecho de cada crise nos países selecionados.

Os programas de promoção à democracia operados pelos governos dos países ocidentais, principalmente dos EUA, partem do princípio de que determinado regime político pode ser estabelecido a partir da interferência externa em determinados setores da sociedade. A democracia é vista pelo governo dos EUA não como fim em si mesmo, mas como meio para atingir outros objetivos de política externa, tais como o suprimento energético e a expansão de organizações econômicas e de segurança vinculadas ao Ocidente. A ideia de que o estabelecimento do regime democrático seria apenas o início de um processo de abertura mais amplo, que incluiria reformas econômicas de cunho neoliberal, é defendida pelos organismos de promoção à democracia dos EUA. O modelo de democracia e os programas subsequentes para que se atinja uma forma de governo que possa ser considerada democrática está subordinado, conforme aponta Smith (2000), a interesses de exploração econômica, o que afeta a qualidade da democracia promovida pelos programas estadunidenses.

Os discursos pró-democracia dados por autoridades e corpo diplomático dos países que apoiaram as Revoluções Coloridas da Sérvia, da Geórgia e da Bielorrússia fizeram-se ausentes no caso do Azerbaijão, país cujo governo assegurava a exploração de petróleo por multinacionais ocidentais sob condições que lhes eram apazíveis. Os programas de promoção à democracia, além de adotarem um modelo centrado no fator eleitoral em suas atividades, obedecem a critérios políticos na escolha dos países onde atuarão, não sendo o mero autoritarismo o fator central para desencadear sua atuação. Antes, verificou-se que as Revoluções Coloridas contaram com amplo apoio dos programas de promoção à democracia caso pudessem provocar mudanças em governos

cujas políticas, não necessariamente forma de governo, fossem contrárias ao pretendido pelo bloco Ocidental.

Ao analisar os casos selecionados, confirma-se a hipótese de que o modelo adotado pelos programas de promoção à democracia pelos países ocidentais de fato possui o potencial de provocar mudança de regime, especialmente se as condições domésticas para sua sobrevivência, como popularidade do governo e forças de segurança, forem precárias. O modelo adotado para provocar mudança de regime na Sérvia, Geórgia e Bielorrússia, que consistiu em organizar e posicionar ONGs, mídia e partidos políticos diante de eleições supostamente fraudulentas mostrou-se eficaz e passível de ser replicado a diferentes realidades locais.

Quadro 5 – Aspectos comparados das Revoluções Coloridas

	Sérvia	Geórgia	Azerbaijão	Bielorrússia
Denúncia de fraude eleitoral em eleição polarizada	X	X		
Organização unificada da oposição ao regime	X	X		
Organização e posicionamento da mídia de oposição	X	X		
Treinamento a manifestantes de oposição em técnicas de protesto e ação direta	X	X		
Atuação do aparelho coercitivo do Estado			X	X
Apoio ocidental ao regime			X	
Apoio ocidental aos atores de oposição	X	X		

Elaboração própria.

A organização da derrubada de Milosevic na Sérvia em 2000, idealizada e em grande parte realizada pelo governo dos EUA por meio da USAID, foi aplicada nos mesmos moldes na Geórgia e na Bielorrússia. O modelo da USAID, que consistia em dar auxílio a partidos e líderes de oposição contrários ao governo, organizar e posicionar ONGs opositoras, treinar e dar auxílio à mídia contrária à atuação governamental e, finalmente, apoiar com recursos técnicos e financeiros os serviços de monitoramento eleitoral, denunciando fraude eleitoral em momento de alta polarização, foi bem sucedido na Sérvia e na Geórgia em função da interação entre fatores domésticos e o modelo aplicado. Nesses dois países, a atuação do aparelho coercitivo do Estado foi débil, não tendo a capacidade de limitar a atuação de ONGs, mídia, movimentos, ativistas e partidos dirigidos pelo Ocidente. Além disso, a articulação do governo com o todo da elite

política e econômica do país estava dificultado. O governo sérvio e o governo georgiano não tiveram suficiente apoio interno e externo para manter-se no poder.

No caso da Bielorrússia, a aplicação do modelo não foi bem sucedida devido a condições domésticas favoráveis ao regime. Além de gozar de alta popularidade devido aos bons indicadores econômicos, o presidente Lukashenko contava com o apoio da maioria da elite política do país. Também tinha a lealdade das forças de segurança, que preveniram a atuação de ONGs e movimentos de juventude que recebiam financiamento e treinamento dos EUA e da União Europeia. A Bielorrússia, devido a condições internas, conseguiu bloquear a atuação direta de agentes externos no cenário político local, culminando no insucesso da aplicação do modelo de Revolução Colorida no país.

O caso do Azerbaijão também apresenta fatores internos e externos que condicionaram a manutenção do regime dos Pavilli no poder. As forças de segurança do país apresentaram caráter fortemente repressivo em relação a líderes de oposição e manifestantes contrários ao regime político do país. A elite política era coesa, apoiando a dinastia que há décadas detinha o governo. Apesar de o regime ser autoritário de acordo com a Freedom House, não houve pressão diplomática ou ajuda aos movimentos de oposição por parte do Ocidente nas eleições de 2005, ainda que a OSCE alegasse fraude eleitoral no processo. Mesmo que a oposição local, inspirada pelas Revoluções Coloridas do entorno, tenha tentado realizar um protesto eleitoral contra um regime fraudulento, a ajuda da USAID às ONGs, mídia e partidos de oposição, seja via financiamento ou treinamento, não ocorreu, o que contribui para confirmar a hipótese de que a ocorrência de Revoluções Coloridas bem-sucedidas pode ser creditada a fatores externos. Neste país, sequer houve tentativa real de Revolução Colorida, dado que os elementos externos que favorecem a ocorrência delas estavam ausentes.

A partir dos quatro estudos de caso, rejeita-se a hipótese, apresentada por Tarrow (2005), de que os protestos seriam fruto de um suposto efeito-demonstração reforçado pela mudança tecnológica. Ainda que os novos meios de comunicação, notadamente a internet e a integração de infraestrutura, tenham sido facilitadores da operação logística necessária ao treinamento dos movimentos de juventude, não se pode dizer que as Revoluções Coloridas possam ser explicadas por esses fatores. As agências vinculadas a Estados e empresários não apenas financiaram como certificaram-se de que as técnicas de protesto que estavam sendo ensinadas estivessem de acordo com suas formulações doutrinárias. Foram investidos milhões de dólares para que os militantes, a

mídia e os partidos atuassem de modo semelhante em quaisquer países onde o investimento se fizesse presente. Assim, os eventos denominados Revoluções Coloridas ocorreram de acordo com o estipulado por Estados e empresários, não sendo possível atribuir suas semelhanças ao mero desenvolvimento tecnológico ou efeito demonstração.

A partir da análise do modelo de Revolução Colorida aplicado pela USAID, o qual o governo dos EUA alegou ser efetivo na democratização de regimes autoritários, é válido o questionamento sobre o conceito de democracia que os agentes vinculados a este país professam. Sobre o modelo de democracia centrado em eleições, que incentiva a participação cidadã apenas por meio do voto e que demonstra clara preferência pelo financiamento empresarial de partidos e campanhas, apostando em grandes e voluptuosas ações de marketing para conquistar apoio a determinado candidato, pesa a crítica de ser meramente formal. Este modelo, na medida em que prevê o financiamento governamental e empresarial externo a atores políticos locais, não fere apenas o conceito de soberania como também o de democracia, ao menos se entendermos democracia enquanto governo “do povo, para o povo e pelo povo”. Sobre um governo eleito a partir de uma operação dirigida desde o exterior, não se pode dizer que é democrático e popular; pode-se, sim, dizer que obedece às regras da dita democracia formal, embora esta não seja uma democracia cuja sustentação está calcada na participação soberana da população.

5 REFERÊNCIAS

- ANABLE, David. The Role of Georgia's Media—and Western Aid—in the Rose Revolution. **The Harvard International Journal of Press/Politics**, Cambridge, v. 11, p. 7-43, Summer 2006. Disponível em: <<http://hij.sagepub.com/content/11/3/7.citation>>. Acesso em: 17 nov. 2015.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A Segunda Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Formação do império americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Giafranco. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora UnB, [1998].
- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**. Uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BRANT, Joseph E. **Segredos da Guerra Psicológica: reminiscências da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Difusora Cultural, 1967.
- BUNCE, Valerie; WOLCHIK, Sharon. International Diffusion and Postcommunist Electoral Revolutions. **Communist and Postcommunist Studies**, v. 39, n. 3, p. 283-304, Sept. 2006.
- CAROTHERS, Thomas. Taking Stock of US Democracy Assistance. In: COX, M.; IKENBERRY, G. J.; INOBUCHI, T. (Org.). **American Democracy Promotion**. New York: Oxford University Press, 2000.
- Central Intelligence Agency – CIA. **The World Factbook**. Washington, 2015. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>>. Acesso em: 18 nov. 2015.
- CEPIK, Marco. Para uma Sociologia das Revoluções Modernas. **Revista Teoria & Sociedade**, n. 3, p.129-162, 1999. Disponível em: <http://professor.ufrgs.br/marcocepi/files/cepi_-_1999_-_conceito_revolucao_-_ts.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2015.
- CHETERIAN, Vicken. Azerbaijan. In: POLESE, Abel; Ó BEACHÁIN, Donnacha. **The Color Revolutions in the Former Soviet Republics**. Oxon: Routledge, 2010, p. 101-117.
- TIMELINE 2003. **Civil.Ge**, [S.l.], 31 Dec. 2003. Disponível em: <<http://civil.ge/eng/article.php?id=5924#4>>. Acesso em: 18 nov. 2015.
- COMPANJEN, Fraçoise. Georgia. In: POLESE, Abel; Ó BEACHÁIN, Donnacha. **The Color Revolutions in the Former Soviet Republics**. Oxon; Routledge, 2010, p. 13-29.
- COPSEY, Nathaniel. Ukraine. In: POLESE, Abel; Ó BEACHÁIN, Donnacha (Org.). **The Color Revolutions in the Former Soviet Republics**. Oxon; Routledge, 2010, p. 30-44.

CORDESMAN, Anthony H. **Russia and the "Colour Revolution": a Russian Military View of a World Destabilized by the U.S and the West (Full Report)**. Washington: Center for Strategic and International Studies, 2014. Disponível em:

<http://csis.org/files/publication/140529_Russia_Color_Revolution_Summary.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2015.

COSTA, João Gabriel Burmann da. **Boyd e Szafranski: elementos para o estudo da Guerra Psicológica de Espectro Total**. 2014. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <

<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/116349>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

FORESTI, Marta; WELTON, George; JIJELAVA, David. **Review of international assistance to political party and party system development**. Case study report: Georgia. London :Overseas Development Institute, 2010. Disponível em:

<<http://www.odi.org/sites/odi.org.uk/files/odi-assets/publications-opinion-files/6877.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

GAHRAMANOVA, Aytan. Internal and external factors in the democratization of Azerbaijan. **Democratization**, Oxon, v. 16, n. 4, p. 777-803, 2009. Disponível em: <

<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13510340903083919>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

HALE, Henri E. **Interpreting the Color Revolutions and Prospects for Post-Soviet**

Democratization. Washington: Center for Strategic and International Studies, 2005. (PONARS Policy Memo, 373).. Disponível em <http://csis.org/files/media/csis/pubs/pm_0373.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.

HUNTINGTON, Samuel P.. **A ordem política nas sociedades em mudança**. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria; Ed. da USP, 1975.

HUNTINGTON, Samuel P.. **A terceira onda: a democratização no final do século XX**. São Paulo: Ática, 1994.

KALANDADZE, Katya; ORENSTEIN, Mitchell A. **Electoral Protests and Democratization**. Comparative Political Studies. São Petersburgo: SAGE Publications, 2009. Disponível em: <<http://cps.sagepub.com/content/42/11/1403.abstract>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

KARUMIZE, Zurab; WERTSCH, James V. **Enough!:** The Rose Revolution in the Republic of Georgia 2003. New York : Nova Science Publishers Inc., 2005.

MANKOFF, Jeffrey. **Russian Foreign Policy**. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers Inc, 2009.

MARKUS, Ustina. Belarus. In POLESE, Abel; Ó BEACHÁIN, Donnacha (Org). **The Color Revolutions in the Former Soviet Republics**. Oxon: Routledge, 2010, p. 118-135.

MARPLES, David R. Outpost of tyranny? The failure of democratization in Belarus. **Democratization**, Oxon, v. 16, n. 4, p. 756-776, 2009.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MEARSHEIMER, John. Why the Ukraine Crisis is the West's Fault. **Foreign Affairs**. Sept./Oct. 2014. Disponível em: < <https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2014-08-18/why-ukraine-crisis-west-s-fault>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

MUSKHELISHVILI, Marina; JORJOLIANI, Gia. Georgia's ongoing struggle for a better future continued: democracy promotion through civil society development. **Democratization**, Oxon, v. 16, n. 4, p. 682-708, 2009. Disponível em: < <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13510340903083000#.VkyCt78qiL0>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Perry-Castañeda Library Map Collection. **The University of Texas at Austin**. Disponível em: < <http://www.lib.utexas.edu/maps/>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

POLESE, Abel; Ó BEACHÁIN (Org.), Donnacha. **The Color Revolutions in the Former Soviet Republics: Successes and Failures**. Oxon: Routledge, 2010. Disponível em: < http://www.academia.edu/1098375/The_Colour_Revolutions_in_the_Former_Soviet_Republics_Successes_and_Failures>. Acesso em: 18 nov. 2015.

SALERT, Barbara. **Revolutions and Revolutionaries: Four Theories**. New York: Elsevier Scientific Publishing Company Inc., 1976.

SHARP, Gene. **From Dictatorship to Democracy**. Boston: The Albert Einstein Institution, 2010. Disponível em: < <http://www.aeinstein.org/wp-content/uploads/2013/09/FDTD.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

SMITH, Steve. US Democracy Promotion: Critical Questions. In: COX, Michael; IKENBERRY, G. John; INOGUCHI, Takashi. **American Democracy Promotion**. New York: Oxford University Press, 2000.

SPOERRI, Marlene. **Engeneering Revolution – The Paradox of Democracy Promotion in Serbia**. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2015.

STEWART, Susan (Org.). **Democracy Promotion and the 'Color Revolutions'**. Oxon : Routledge, 2012.

SUSSMAN, Gerald; KRADER, Sascha. Template Revolutions: Marketing U.S. Regime Change in Eastern Europe. **Westminster Papers in Communication and Culture**, London, v. 5, n. 3, p. 91-112, 2008. Disponível em: < https://www.westminster.ac.uk/__data/assets/pdf_file/0011/20009/006WPCC-Vol5-No3-Gerald_Sussman_Sascha_Krader.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2015.

TARROW, Sidney. **The New Transnational Activism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TARROW, Sidney G. **Power in Movement**. New York : Cambridge University Press, 2011.

United States Agency for International Development - USAID. **Final Report** – Final Evaluation of OTI's Program in Serbia-Montenegro. Washington, 2002. Disponível em: <http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/Pdabx440.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2015.

United States Agency for International Development - USAID. **Budget Justification to the Congress, Fiscal Year 2005**. Washington, 2005a. Disponível em: <http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/PDACE100.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2015.

United States Agency for International Development - USAID. **Georgia: Causes of the Rose Revolution and Lessons for Democracy Assistance**. Washington, 2005b. Disponível em: <<http://csis.org/files/media/isis/pubs/ci.causesroserevolution.03.05.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

United States Agency for International Development - USAID. **Budget Justification to the Congress, Fiscal Year 2006**. Washington, 2006. Disponível em: <http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/PDACD502.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2015.

United States Agency for International Development - USAID. **Budget Justification to the Congress, Fiscal Year 2007**. Washington, 2007. Disponível em: <http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/PDACG901.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2015.

VITALI, Silitski. **A Year After the Color Revolutions** - Preemptive Authoritarianism and Challenges for Democratization in the Former Soviet Union. Washington: Center for Strategic and International Studies, 2005. (PONARS Polici Memo, n. 376). Disponível em: <http://csis.org/files/media/isis/pubs/pm_0376.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2015.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. **O mundo pós-guerra fria**. Porto Alegre : Leitura XXI, 2005.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **A Primavera Árabe: entre a nova democracia e a velha geopolítica do petróleo**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.

WALT, Stephen M. Revolution and War. **World Politics**, Cambridge, v. 44, p. 321-368, Apr. 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2010542>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

YOUNGS, Richard. **Democracy Promotion: The Case of European Union Strategy**. Bruxelas: Centre for European Policy Studies, 2001. (Working Document, 167, Oct. 2001). Disponível em: <<https://www.ciaonet.org/attachments/2277/uploads>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

Fonte: Sérvia, Geórgia, Azerbaijão, Bielorrússia. In: GOOGLE MAPS. 2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@46.9178802,18.6079782,4z/data=!4m2!6m1!1szqp4_6dgPSCg.k9KbRcMgPF5w?hl=pt-BR>. Acesso em: 18 nov. 2015.